

Loucurras
de
CARNAVAL

CLARA
ALVES



PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Loucurras ~ de CARNAVAL

CLARA
ALVES

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 Clara Alves

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa e ilustração **Lola Salgado**

Edição e revisão **Increasy Consultoria Literária**

PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A todos que já tiveram um coração partido

PERIGOSAS ACHERON

1

É preciso saber viver

Sempre achei que todo mundo fica meio louco no Carnaval.

Não sei se é pela felicidade de ter praticamente uma semana inteira de folga regada a festas, viagens e bebidas, pela ideia de liberdade sexual que é pregada ou se existe algo sobrenatural no ar que leva tanta gente a agir como nunca teria coragem durante o restante do ano.

Eu só sei que, apesar de todas as tentações, sempre consegui fugir desse vírus da loucura e aproveitar bem meus dias de folga com muita paz e isolamento. E, pelo menos nos últimos sete anos,

PERIGOSAS NACIONAIS

acho que a companhia de Edu e seu apoio à minha crença de que o Carnaval só servia mesmo pela oportunidade de ficar em casa assistindo a séries e namorando tenham me ajudado a manter a cabeça no lugar.

O grande problema é que Edu não está mais aqui.

Eu encaro meu reflexo no espelho enorme que Natalie e eu mandamos instalar quando nos mudamos para este apartamento, dois anos atrás. Tínhamos achado que era uma excelente ideia, na época. Natalie, minha melhor amiga e colega de apartamento, se arrependeu dois meses depois, quando se viu largada no chão do banheiro, o suor escorrendo pela testa, as olheiras enormes debaixo dos olhos, os resquícios de vômito na boca. Ou seja, a visão do inferno.

É claro que eu achei que era besteira dela. O espelho era ótimo, deixava o ambiente com uma aparência maior, dava para tirar fotos de corpo inteiro e tudo. Mas, ao contrário dela, eu não sou de beber e nunca imaginei viver uma situação em que

PERIGOSAS ACHERON

compartilhasse de sua opinião.

Infelizmente, Natalie estava certa esse tempo todo. O espelho é um verdadeiro portal para autocomiseração.

E eu nem mudei de ideia por causa de bebedeira — acho que, nesse caso, eu nem me sentiria *tão* mal assim. O que realmente me faz mudar de ideia é a imagem de uma Júlia sentada num banco de plástico com fios cor-de-rosa saindo do couro cabeludo.

Só há uma explicação possível para a loucura que eu acabo de cometer: o vírus do Carnaval me pegou.

Quase pulo de susto quando alguém bate à porta do banheiro com força.

— Júlia, você vai demorar? — É a voz de Natalie. — Os meninos daqui a pouco estão chegando e eu preciso tomar banho!

Não sei se tenho coragem de abrir a porta, mas preciso fazer isso em algum momento. O único

PERIGOSAS ACHERON

problema é que estou paralisada. Até agora tudo que fiz foi movida pela raiva, tristeza e frustração. Um combo nada ideal, mas pelo menos eu não tinha acrescentado álcool a ele. Deus me livre acabar ligando bêbada para Edu para falar todas as coisas que estão entaladas na minha garganta desde ontem.

Sinto um nó na garganta e minhas mãos começam a suar. Meus olhos enchem de lágrimas. Tento respirar fundo para me acalmar, mas os pensamentos que tentei bloquear começam a inundar minha mente, fazendo meu desespero aumentar.

Acho que estou tendo uma crise de ansiedade.

E não é só por causa do cabelo.

Olho para o meu reflexo novamente.

O fundo do poço é uma visão terrível. Mas, bem... dizem que depois que você chega nele, só existe uma direção possível, não é?

Natalie bate mais uma vez na porta, mas, antes
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que ela tenha tempo de começar a berrar comigo, eu me levanto num pulo e escancaro a porta do banheiro. Minha amiga se sobressalta e então olha para o meu cabelo.

— Que porra é essa, Júlia? O que você fez com seu cabelo?!

Ela arregala os olhos, chocada. Está vestindo apenas sutiã e calcinha, e há um lenço enrolado em sua cabeça, envolvendo seus fios curtos e crespos, tingidos de loiro.

Sinto as lágrimas transbordarem dos meus olhos.

— Eu não sei! Tá horrível! — Abro o berreiro.

Natalie me dá um tapa de leve no ombro, chamando minha atenção.

— Que horrível o quê? — diz ela, e vejo seus olhos brilharem de empolgação. — Ficou maravilhoso! Não acredito que você teve coragem de fazer isso sozinha!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Para de mentir pra mim! — reclamo, quase esperneando. — Eu devo ter ficado louca!

— Isso eu também concordo. — Ela dá uma risadinha e, quando percebe meu olhar de repreensão, morde o lábio e sorri sem graça. Ela leva as mãos aos meus ombros e me conduz de volta ao banco de plástico. — Senta aqui. Agora respira fundo.

Eu obedeço.

Inspiro. Expiro pela boca. Inspiro. Expiro pela boca. Dez vezes, como minha terapeuta me ensinou.

Quando percebe que estou mais calma, Natalie volta a falar.

— Agora me explica o que aconteceu.

Nem sei por onde começar.

Eu posso dizer que é culpa da notícia bombástica que recebi ontem pelo Instagram. Ou posso contar sobre a minha teoria do vírus do PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Carnaval. Mas, vamos ser sinceras, já faz algum tempo que estou na pior. Quer dizer, me formei tem um ano e continuo na mesma empresa de merda, mal ganhando o suficiente para me sustentar, principalmente depois de decidir dividir apartamento com a Natalie no Rio de Janeiro — eu sou da Baixada Fluminense, e a Natalie, de São Gonçalo. Resolvi sair de casa porque acreditei que estar perto das grandes empresas de tecnologia me ajudaria a conseguir um emprego melhor e mais rápido. Que eu poderia em breve cortar toda a ajuda que minha mãe me dá para morar na cidade. Que logo, logo eu cresceria na vida e conseguiria me bancar sozinha muito bem, obrigada. Meu Deus, universitários conseguem ser muito iludidos às vezes.

E isso porque eu já tinha desistido de acreditar que, um dia, o Edu e eu iríamos morar juntos. E não foi por falta de incentivo. Perdi a conta de quantas vezes, durante os sete anos que ficamos juntos, eu tinha sugerido essa possibilidade. E não foram indiretas discretas, não. Eram sugestões como:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você pensa em, um dia, morar comigo?

— Claro, amor — ele respondia. — Quando a gente estiver num emprego estável.

Isso era no começo do namoro, quando estávamos no início da faculdade e cheio de sonhos e ilusões. Ou eu estava, pelo menos.

No meu terceiro ano de faculdade, as perguntas passaram a ser mais diretas:

— Andei pensando em mudar para o Rio, pra ficar mais perto das chances de emprego e tal. Por que a gente não começa um fundo de poupança pra botar pra frente aquele plano de morar juntos?

— É uma boa, mas preciso ver minhas finanças. Acho que não anda sobrando muito dinheiro pra juntar... — dizia o Edu, sempre muito evasivo.

Depois aparecia com alguma estátua caríssima de super-herói, encomendada em dólares e paga à vista, porque estava em promoção e ele *precisava* aproveitar.

PERIGOSAS ACHERON

Perto do fim, qualquer menção a isso já virava motivo de briga.

— Você nunca pensa no nosso futuro! Sempre diz que agora não dá, que não tem dinheiro, que vai ver, mas pras suas *verdadeiras* prioridades você arranja tempo e dinheiro rapidinho, né?

— Não é bem assim, Júlia, morar junto é um assunto sério, exige pesquisa, um emprego estável, dinheiro sobrando pra juntar. E no momento as coisas tão meio complicadas pra mim, você sabe disso.

— É, mas quantas pesquisas e planos concretos você tá fazendo pra que isso seja realidade um dia, mesmo que não agora?

E aí ele desconversava, me pedia desculpas, prometia que ia tirar um tempo para ver isso, dizia que me amava e que ele só não sabia muito bem por onde começar. E eu, boba, acreditava.

Bem, depois de sete anos de ilusão, sete anos de planos não concretizados, de sonhos frustrados, nosso namoro chegou ao fim. E, por mais triste que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

eu estivesse, eu sabia que Edu estava certo em querer terminar. Não dava mais para viver do jeito que a gente estava, empurrando o namoro com a barriga, com medo de se desapegar. É por isso que decidimos manter nossa amizade e tentar não perder o contato. Já éramos amigos antes de começarmos a sair, não fazia sentido que o fim do relacionamento também significasse o fim dessa amizade.

E tudo estava muito bem até ele começar a namorar, pouco mais de dois meses depois do nosso término. Foi duro vê-lo com outra pessoa, vê-los fazendo tudo que, no fim da nossa relação, ele já não queria mais fazer comigo. Mas eu tentei me consolar de que começo de namoro era assim mesmo, que as coisas entre nós só começaram a esfriar lá para o quarto, quinto ano.

Com os meses, foi ficando mais fácil de lidar. Mesmo quando percebi que esse seria o primeiro Carnaval que estou solteira desde o término com Edu, acreditei que tudo daria certo. Juro que acreditei.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, então, *a foto* apareceu no meu feed do Instagram.

— Que foto? — pergunta Natalie, quando explico isso para ela, por mais que minha amiga já saiba de toda a história de cor e salteado.

Eu saco o celular do bolso e abro o perfil de Edu no Instagram. Tenho certeza de que Natalie vai me passar um sermão. A começar pelo fato de eu ainda seguir o Edu no Instagram, ela sempre critica tudo que envolve minha relação pós-término.

Mesmo assim, mostro a foto para ela. A foto das mãos dele e da namorada com *anéis de noivado*.

Natalie faz uma careta.

— Nossa, que foto brega. — Ela me devolve o celular e coloca a mão na cintura. — E é por causa *disso* que você fez essa doideira?

— Pensei que você tinha gostado — comento, carregando a voz de tristeza. Estou tentando fazer chantagem emocional para que ela não seja tão PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

dura no sermão. Às vezes funciona, mas nem sempre.

Ela fecha a cara e cruza os braços.

— Eu nem acredito que você ainda segue ele, Júlia Limeira Pontes! — A voz dela sobe um tom, mas dá para ver que está tentando se controlar.

— Ele é meu amigo, Nat, você sabe disso.

— Ju, olha. Eu vou te dizer isso de novo, porque o caso é bem mais sério dessa vez, mas eu prometo que vai ser a última. Olha o seu estado. — Ela aponta para mim no reflexo do espelho, e eu sei que Natalie também está aproveitando para se vingar de todas as vezes que diminui seu sofrimento pós-bebedeira. — Não pro seu cabelo, que, sim, está lindo. Mas olha bem para *si mesma*. Esse rosto inchado de chorar e essa cara de desespero. Você acha que uma amizade assim vale a pena?

Eu faço biquinho e baixo os olhos, não querendo encontrar meu próprio reflexo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu não quero perder a amizade que tenho com ele, Nat. Foi algo que construímos por anos, e a gente não terminou mal, sabe?

— Tudo bem, eu entendo o que você tá dizendo. E eu concordo, em partes. Acho que esse seu argumento talvez fosse válido um ano atrás, quando vocês tinham acabado de terminar e você ainda estava descobrindo como seria ficar sem ele. — Ela se inclina, apoiando uma das mãos na bancada da pia. — Mas quase doze meses se passaram. E olha como você tá depois dessa notícia! — Ela suspira. — Eu não tenho nada contra ex-namorados serem amigos, sabe? Mas olha seu estado! Se ainda te faz mal, é óbvio que essa relação não é boa para você.

— E o que eu faço então? — pergunto, baixinho, mesmo sabendo o que ela vai dizer.

Natalie comprime os lábios, com pena, e pousa uma das mãos em meu joelho.

— Eu sugiro que você se afaste por um tempo. Você precisa parar de gastar tanta energia com isso.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu sinto que você ainda tá presa a ele, sabe? Que não consegue se permitir viver e curtir e abrir as portas pra outras pessoas.

— Eu não sei se consigo me relacionar com outras pessoas. É muito difícil!

Natalie sorri.

— Mas por que você só não *tenta*? — Quando não respondo, ela continua: — Do que você tem medo?

Eu não sei responder a pergunta de Natalie, mas tenho consciência de que ela está certa. Por isso apenas bufo e dou de ombros, sem querer estender aquela conversa. Natalie entende o gesto, porque ela dá alguns tapinhas na minha perna antes de se recostar na porta com um sorriso largo.

— Os meninos vão passar aqui pra me buscar em uma hora. Tem certeza de que não quer ir? Ainda dá tempo...

Seu olhar transmite um brilho de esperança.

PERIGOSAS ACHERON

Natalie está tentando me levar a essa viagem para Cabo Frio desde que fechou tudo com os amigos, mas, como sempre, inventei desculpas para não ir. Estava cansada do trabalho, não tinha paciência para o trânsito, odiava o tumulto. A verdade é que eu só não me sinto muito à vontade para ficar numa casa com um monte de gente que mal conheço, ir para blocos de Carnaval e ficar naquele clima de pegação que eu odeio.

— É uma ótima oportunidade de você tentar se desligar dele um pouco. Quem sabe você não conhece um cara gostoso pra esfregar no nariz do Edu?

Eu solto uma risada de repente.

Será que eu odeio mesmo tudo isso? Ou só estou com medo de me permitir? É muito difícil, afinal, viver um estilo de vida que nunca realmente tive oportunidade de experimentar. Edu e eu começamos a namorar ainda no ensino médio. O que eu sei de curtir o Carnaval solteira? E que mal pode acontecer se eu for? Odiar, eu já odeio. Passar o Carnaval deprimida? Certamente em casa,

PERIGOSAS NACIONAIS

sozinha, seria muito pior.

E eu já estou no fundo do poço mesmo. Agora só tem um caminho, certo?

Encaro meu reflexo rosa no espelho e vejo o cansaço em meu rosto e as olheiras profundas sob meus olhos. Mas, por trás da minha expressão arrasada, algo dentro de mim ainda brilha de expectativa com a ideia de me permitir fazer algo diferente.

Então respiro fundo, me levanto e sorrio para Natalie.

— Tá bom. Eu vou.

PERIGOSAS ACHERON

2

Nem tudo pode ser perfeito

Eu me arrependo da minha decisão no instante em que entro no carro.

Isso não é bem verdade.

Para ser justa, eu estava me esforçando para aquela coisa toda de *tentar*, então mesmo que eu tenha torcido a boca para o Palio velho e apertado, carregado de testosterona, estacionado na frente do portão do prédio, eu não estava arrependida. Estava sendo até positiva, o que é bem raro para mim. Ainda mais considerando os três ocupantes *homens* do carro. Não é como se eu odiasse homens nem nada, apesar de muitas vezes eles merecerem meu

ódio, mas é que a Natalie tem um gosto muito duvidoso para amigos. Ela era daquelas meninas que, na época da escola, só andava com os garotos encenqueiros e baderneiros. A descrição exata desses três sentados no carro que vai nos levar para uma incrível viagem para Cabo Frio.

Seria uma viagem muito animada. Oba...

Mas não, esse não foi o motivo que fez eu me arrepender, mesmo que, assim que entrei no carro, Téó, o motorista, tenha gritado:

— Ahhh, eu não acredito que você conseguiu arrastar a emburradinha! — Ele era um daqueles caras fortes de academia, com o topete castanho penteado com pomada e cavanhaque bem aparado, e metade do seu corpo tinha girado para ele olhar para nós duas, no banco traseiro. — E ela tá de cabelinho rosa, que isso! Que transformação é essa!

Então começou a cutucar Natalie com a língua para fora enquanto eu entrava no carro, ao lado dela, desesperada ao perceber que o ar condicionado mal dava vazão.

— Deixa de bobeira, Téo. Assim vai assustar a menina. — Ela riu e me olhou de canto de olho, quase como se temesse que eu pulasse fora do carro e saísse correndo.

É possível que esse pensamento tenha passado pela minha cabeça.

Mas, contra todas as expectativas, fechei a porta do carro e respirei fundo.

Eu *estava* tentando. Juro que estava.

— Você se lembra do Téo, né? — foi tudo o que ela disse sobre o motorista engraçadinho antes de apontar para o cara espremido ao seu lado. — E esse é o Elio.

Elio era mais franzino que os outros dois, mas tinha aquele mesmo olhar confiante de quem sabia que podia destruir um coração.

— Eu conheci ela num aniversário seu, na Lapa, lembra? — perguntou Elio com uma voz meio grossa demais para combinar com sua aparência.

Os fios de Elio eram grossos e escuros, quase pretos, e seu cabelo tinha umas ondinhas bonitas, penteadas para o lado. Dos três, ele também era o mais estiloso. O único que não se vestia bem *hetero topzera*.

— Ah, verdade! — Natalie bateu palmas, se lembrando do evento.

— Oi, Elio — cumprimentei, sorrindo levemente. Eu me lembrava vagamente dele, assim como de Téó, dos aniversários de Natalie. Era o único lugar onde os encontrava, porque todos os outros compromissos dos quatro envolviam baladas e bebedeiras. Duas coisas que eu odiava.

Natalie apontou então para o cara ao lado de Téó, no banco do carona, e acenou com a mão.

— O Victor você já conhece.

E como conheço.

— Fala aí, Ju. Beleza? — Ele acenou um cumprimento e abriu um daqueles sorrisos lindos que dá vontade de socar. Ou beijar. A menos que

PERIGOSAS ACHERON

você seja eu e tenha a capacidade de enxergar além do sorriso lindo. *Eu* consigo enxergar o verdadeiro homem por trás dele.

E ele é péssimo.

Mas não pela aparência. Fisicamente, o Victor é uma verdadeira escultura. Tipo o Michael B. Jordan do Brasil, só que não tão maravilhoso, é claro. E sem barba também. Mas ele tem os dreads estilosos no topo da cabeça, a lateral do cabelo raspada, e um charme... Edu que me perdoe, mas foi impossível não notar o charme desse homem quando Natalie nos apresentou. E Victor ainda usa óculos, o que quebra totalmente o estereótipo de saradão de academia e dá um ar meio intelectual.

Mas é tudo impressão mesmo.

Das coisas que Natalie sempre me contava sobre os amigos, pude traçar um perfil não muito bonito de Victor. Ele tem aquele jeito típico do malandro carioca, é amigo de todo mundo, sorri para tudo e para todas e recebe muitos sorrisos em retribuição. É o típico playboy galinha. Morador da

zona sul, está sempre postando fotos sem camisa na praia no Instagram e recebe uns cinquenta comentários só de mulher. Não que eu tenha stalkeado suas redes sociais.

Ele é o tipo de cara de quem sempre preferi correr. Depois que a gente passa dos vinte, começa a ter uma autoconsciência muito maior (ou, pelo menos, é no que eu prefiro acreditar), e eu sabia que tinha uma leve tendência a me encantar por caras impossíveis, meio babacas e que nunca olhariam para mim. Então sempre preferia ficar longe, mesmo quando estávamos no meio ambiente.

E apesar de a presença de Victor ter me deixado balançada, eu ainda estava otimista com aquela viagem.

— Ficou maneiro o cabelo — comentou ele, sorrindo. — Tá parecendo a princesa Jujuba.

Eu arregalei os olhos, chocada. Victor estava mesmo fazendo uma referência a *Hora de aventura*? Eu jamais iria imaginá-lo como

apreciador de desenhos.

Ele deu uma piscadela, mas, antes que eu pudesse responder, Téo perguntou:

— Todo mundo preparado, ninguém esqueceu nada? — E começou a dar partida no carro.

— Sim! — respondeu Natalie, empolgada. Quando percebeu que eu não tinha correspondido à sua animação, ela segurou meu braço e o ergueu junto ao dela. — Sim!

Eu revirei os olhos.

— Não precisa ficar com essa cara, não, Jujuba.

Sobressaltada, percebi que Victor estava me observando com aquele sorrisinho maldito no rosto.

— A viagem vai ser ótima, e o Téo parece imprudente, mas é um bom motorista — continuou ele, com aquele sotaque bem carioca, como se estivesse eternamente flertando. Insuportável.

Foi aí que a Natalie abriu a boca e estragou

tudo.

— Ah, ela não tá com essa cara por causa da viagem, não. É por causa do ex dela.

Meu Deus, eu quis esganar a Natalie. Como assim ela estava falando dos meus problemas pessoais para três *estranhos*?

Tudo bem, eles só eram estranhos para mim, mas mesmo assim!

— Aliás, aproveitando o gancho, esse Carnaval é pra gente curtir, mas também temos uma missão!

— Ela se agarrou aos dois bancos da frente, com um sorriso de empolgação no rosto.

— Uh! Missão. Adoro missões — comentou Elio, com uma voz abafada, como se estivesse tentando soar misterioso.

— A Júlia precisa aprender a se divertir com a solteirice dela e descobrir o que é Carnaval de verdade! E beijar muito na boca! — contou ela, animada.

PERIGOSAS NACIONAIS

Se eu pudesse, teria me enfiado debaixo do banco e ficado ali, deitada em posição fetal, até o final da viagem. Mas não pude, então apenas me encolhi enquanto Natalie e os três baderneiros traçavam os melhores planos para cumprir essa missão.

É claro que eu não daria chilique, por mais que quisesse. Posso ser emburrada e antissocial, mas não sou estraga-prazeres. E, afinal, fui eu mesma quem teve a brilhante ideia de seguir naquela viagem. Eu sou a única culpada por esse desastre.

— Olha, não vai ser fácil de qualquer maneira.
— Posso ouvir a voz de Victor dizer agora enquanto olho para a janela. — Mas é mais por causa da *atitude* da pessoa em questão. Para que a gente chegue ao nosso objetivo, precisamos primeiro contar com a força de vontade dela.

— Ah, isso eu tenho certeza de que a Júlia tem muito, não é, Ju? — Natalie me puxa para um abraço lateral, envolvendo meu pescoço com um braço e quase me enforcando.

PERIGOSAS ACHERON

Lanço um olhar fulminante para ela.

— Ela com certeza tá com uma cara de que concorda cem por cento com a gente — debocha Elio, recebendo um beliscão na orelha como resposta. — Ai!

Ele massageia a orelha enquanto Natalie volta a sorrir.

Eu deixo escapar uma risada sem querer, e minha amiga fecha a cara, olhando para mim.

— E você fica quieta e concorda comigo — diz, autoritária, e minha irritação diminui consideravelmente.

Estou apenas mortificada por aqueles três babacas saberem de todos os meus problemas amorosos e com o que eles vão pensar de mim, mas e daí? São só cinco dias, certo? Depois disso, raramente voltarei a vê-los — talvez nos aniversários de Natalie ou se algum deles for visitá-la, o que não costuma acontecer porque eles são incapazes de curtir uma noite em casa — e poderei seguir minha vida normalmente.

Tento me obrigar a pensar dessa forma, por mais difícil que seja. Uma das minhas maiores dificuldades ainda é aprender a lidar com o julgamento dos outros. Mesmo que esse julgamento só esteja acontecendo na minha cabeça.

Mas o problema maior é que esse assunto ainda é sensível demais para mim. Natalie estava certa: eu ainda não superei o Edu. Não que eu ainda goste dele, mas ainda não superei nosso término. Ainda não superei que toda a nossa relação de sete anos terminou frustrada daquele jeito. E, pior, ainda me sinto presa a ele, como se não devesse estar ali, com minha amiga e aqueles três caras, indo curtir o Carnaval numa das regiões mais procuradas para curtição e azaração.

Estou me sentindo culpada por me arriscar. E com medo também.

Nesse instante, um funk proibidão ecoa pelas saídas de som. Os quatro começam a cantar em uníssono, despreocupados.

Eu afundo no meu lugar, tentando me manter

PERIGOSAS ACHERON

positiva quanto àquela viagem.

As coisas *vão* dar certo.

Têm que dar.

Chegamos pouco depois do meio-dia. Mesmo tendo saído cedo para evitar o trânsito, não teve jeito. Foram quase cinco horas de uma viagem que costuma durar três. O dono da casa já está nos esperando na entrada quando paramos na frente do lugar, e ele abre o portão da garagem para que estacionemos o carro lá dentro.

A casa é próxima ao centro de Cabo Frio, mas não fica exatamente na muvuca. No caminho, Natalie me mostrou a localização no GPS — fica a uns vinte minutos andando da praia principal — e as fotos do site do Airbnb. A casa é idêntica às fotos: por fora, está toda reformada, numa tinta verde-claro, e janelas e porta de madeira

envernizada. O jardim à frente não está muito bem aparado, mas a piscina, nos fundos da casa, está limpa, assim como o espaço da churrasqueira. O anfitrião nos entrega a chave e vai embora antes que possamos entrar.

O que é bem conveniente.

— Puta merda, a casa tá imunda — diz Téo assim que abre a porta. Nós paramos atrás dele e espiamos o interior.

A sala é grande e espaçosa, mas o piso branco está todo sujo de marcas de lama e sujeira de rua, e a cozinha americana, cuja saída dá direto na churrasqueira, está cheia de louça suja.

— Aposto que as datas estavam todas cheias e ele não conseguiu tempo pra verificar tudo e limpar — Elio tenta ser racional.

— Esse velho safado quis foi deixar a trolha toda no nosso cu — reclama Téo, irritado, tentando se desviar de nós quatro enquanto puxa a mala de rodinha de volta para a parte externa. — Vamos ter que limpar essa merda.

— Por isso que ele correu pra ir embora. — Natalie bufa, igualmente estressada, seguindo o amigo.

Eu deixo escapar um suspiro. A ressaca emocional que eu sentia de manhã já tinha passado, mas eu estava morta e tudo o que eu mais queria era tirar um cochilo. Infelizmente, temos que passar a próxima hora limpando tudo. Por sermos quatro, a coisa toda flui mais rápido, apesar de o Victor — claro, tinha que ser ele — ser um enrolão, e levar quase todo o tempo só lavando a louça.

Quando enfim terminamos, eu me jogo no sofá, assim como Elio e Natalie. Téó e Victor se largam no chão à nossa frente.

— Porra, tô mortinho — reclama Victor, me fazendo revirar os olhos.

— Você só ficou lavando a louça — digo antes que consiga me controlar. É mais forte do que eu a vontade de alfinetá-lo. É até meio divertido, para falar a verdade.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lavar a louça cansa também.

— Ai, que garoto mimadinho. — Aposto que ele tem um empregado para cada atividade doméstica de casa. Mas isso eu não digo em voz alta.

— Deixa de ser implicante — reclama Natalie, me chutando de onde está. Mas ela está tão sem forças, que acaba apenas roçando o pé na minha canela.

Dou língua para ela, mas não digo mais nada. Natalie está certa em me repreender; eu mal conheço esses garotos, nem tenho liberdade para ficar agindo assim com nenhum deles. Mas minha reação é quase automática. Não sei lidar muito bem com homens — eu entro no modo sarcástica e pé atrás sem nem perceber. Sempre foi assim. Exceto com Edu...

Eu levanto num pulo, tentando espantar aqueles pensamentos, e acabo assustando todo mundo.

— Vou tomar banho — anuncio de repente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E eu vou no outro banheiro! — grita Téo no mesmo instante em que Victor diz:

— Eu vou usar o outro, então!

Os dois se entreolham, e há um momento de expectativa enquanto todo mundo espera o que vai acontecer a seguir. Então, eles levantam e saem correndo, desesperados, até o banheiro.

Eu pressiono os lábios, assustada.

— Corre se não o perdedor vai roubar teu banheiro — alerta Elio, me tirando da inércia. Eu olho para ele para ver se está falando sério e, quando percebo que sim, saio correndo para pegar minha mala num canto da sala, onde tínhamos amontoado todas as bagagens depois da limpeza, e a puxo até o banheiro.

Mas assim que chego ao corredor, Victor passa voando na minha frente e entra no banheiro da suíte.

— Há! Perdeu, otária! — zomba ele antes de fechar a porta.

PERIGOSAS ACHERON

— Aff, Victor! Não acredito! — esperneio, dando um soco na porta de frustração.

Eu empurro a mala para um canto do quarto e me jogo na cama para esperá-lo terminar. Bufo, irritada, e mexo no meu cabelo inconscientemente antes de me lembrar que ele está *rosa*.

Gostaria de poder esquecer esse detalhe.

Tudo bem que, depois que ele secou, o rosa não me parece mais tão horrível assim. Mas ainda levo um susto toda vez que passo pelo meu reflexo e tenho que me obrigar a lembrar que meus cabelos, antes tingidos de loiro, agora estão da cor da saia de tule que Natalie levou para pular Carnaval.

Não se passa nem um minuto antes de eu ver, pela porta aberta do quarto, o Téo saindo de fininho do banheiro e indo até a sala para pegar a própria mala e levar até o banheiro.

Abro um sorriso de triunfo quando me dou conta de que...

A porta do banheiro da suíte se abre. Victor
PERIGOSAS ACHERON

coloca a cabeça para fora.

— Jujuba... — sua voz soa arrastada, manhosa. Ele deve saber o efeito que tem quando dá aquele sorrisinho e olha para as pessoas desse jeito. — Será que você pode pegar minha mala?

Dá para ver, pela fresta da porta, que ele já tinha começado a se despir quando percebeu que todas as suas coisas ficaram do lado de fora, inclusive os utensílios de banho.

Inclino a cabeça, um olhar divertido no rosto.

— Por favor?

— Por que eu faria isso? — pergunto, pensativa, vingativa.

— Porque você é maravilhosa, altruísta, gente fina... eu já disse maravilhosa?

— Já.

— Então, maravilhosa — reafirma ele, e eu tento não ruborizar com aquele charme barato dele.

— Uma princesa.

Mordo o lábio, contendo um sorriso. Não vou mentir: é bom ouvir todos esses elogios de um cara como o Victor, mesmo que eu saiba que ele só está tentando me seduzir para fazer o que ele quer.

— Você é muito cara de pau, não é? — pergunto, por fim.

— Você vai ficar me torturando, é?

Ele semicerra os olhos e os desvia até minha mala. Eu levo um segundo para perceber o que ele está pensando antes de pular da cama e seguir até ela.

O problema é que Victor faz a mesma coisa, no mesmo segundo.

Só que ele está pelado.

— Victor! Puta que pariu! — Eu me viro, assustada, levando as mãos ao rosto para tampar os olhos enquanto o ouço rir e arrastar minha mala até o banheiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Que filho da puta.

Eu ainda o xingo de mais um monte de nome antes de conseguir me recuperar, vermelha da cabeça aos pés, sentindo meu corpo todo quente.

Putá merda, o Victor é muito mais bem-dotado do que eu tinha imaginado.

Não que eu *tivesse* imaginado.

Eu começo a me virar, mas a porta do banheiro se abre novamente, e eu interrompo o movimento num pulo, levando as mãos ao rosto novamente.

— Muito obrigada por me emprestar suas coisas, Jujuba. Prometo devolver tudo direitinho.
— Ele volta a fechar a porta, rindo, e eu solto um grunhido de frustração.

Que cara insuportável, puta que pariu!

PERIGOSAS ACHERON

3

Ninguém sabe a mágoa que trago no peito

A casa acorda cedo no dia seguinte.

O cansaço do dia anterior nos tinha impedido de sair, então ficamos apenas na piscina, e Victor e Elio prepararam a janta — bem gostosa, para ser sincera, não que eu tenha admitido isso em voz alta — com as comidas que levamos de casa. Que *eles* levaram, na verdade, já que decidi tudo em cima da hora, mas me comprometi a pagar minha parte.

Combinamos de passar o domingo variando entre praia e bloquinhos e, por isso, mesmo ainda sendo oito da manhã, já está todo mundo de pé e se

PERIGOSAS ACHERON

arrumando. Elio, Téo e Natalie parecem zumbis, e fica claro que eles não são pessoas matinais. Bem, no caso de Natalie, eu posso atestar. Quantas vezes já não tive que acordá-la, desesperada, para que não perdesse a hora no trabalho?

— De quem foi essa ótima ideia de sair cedo?
— pergunta ela, sentando-se num banquinho na bancada da cozinha e apoiando o rosto na mão.

— Sua — lembro a ela, enquanto preparo o café na cafeteira.

— Da próxima vez você pode me bater quando eu sugerir algo assim?

Eu sorrio.

— Deixa de ser boba, quando você morrer, você dorme. — Essa é a frase que eu mais ouço de Natalie, quando ela está indo para a balada e quer me arrastar junto, por mais cansada que eu esteja. Eu sempre fui uma pessoa diurna, então acordo cedo até mesmo nos finais de semana. Sair à noite é um grande sacrifício para mim.

— Posso te bater então?

Encho uma caneca de café e adoço a bebida antes de colocá-la na frente dela.

— Toma. Depois você diz se ainda quer me bater.

Ela levanta a cabeça e pega a caneca. Então sorri.

— Não quero. Você é um anjo de cabelo rosa.
— Natalie manda um beijinho no ar antes de tomar um gole de café.

Eu faço uma careta à menção ao meu cabelo.

A porta da frente se abre nesse instante, e Victor entra, todo bem-disposto.

— Tem uma padaria aqui na rua. — Ele levanta a sacola de plástico que está segurando. — Tá quentinho o pão. Delicinha. De derreter a manteiga.

Eu rio antes que possa me conter. Victor olha para mim, surpreso pelo meu bom humor, e retribui

o sorriso. Por um instante, nós nos encaramos, então a imagem de ontem volta à minha cabeça, e eu baixo o olhar rapidamente, com medo de deixar transparecer no que estou pensando. Mordo o lábio inferior e pego o café para servir duas xícaras enquanto Victor segue até a bancada e coloca a sacola de pães em cima dela.

Téo e Elio escolhem esse momento para aparecer, já prontos para a praia, e nós tomamos café juntos antes de terminamos de nos arrumar e sair.

Chegamos à orla perto das dez da manhã. O público do bloco já começa a se concentrar, mas ainda está bem vazio. Decidimos ficar pela rua mesmo, perto de uma barraquinha de bebidas e curtir o início da festa antes de lotar demais.

Quando a multidão começar a crescer, uma parte de mim cogita seriamente a possibilidade de

não acompanhá-los e passar o resto do dia na praia. Não sou muito praieira — piscina sempre será minha primeira opção — e tenho medo do mar, mas detesto muvuca ainda mais. E aquele clima de azaração, gente suada e bêbada?

Mas será que eu só não estou sendo preconceituosa? O que eu sei de Carnaval, afinal, exceto o que ouço dos outros e o que conheço da minha perspectiva distante? Além do mais, eu não topei aquela viagem para fazer coisas diferentes do que estou acostumada? Não quero me forçar a fazer nada de que não gosto, mas agora não tenho mais certeza se não gosto mesmo ou se passei tanto tempo namorando e enfurnada em casa sofrendo por amor que não me permiti descobrir.

É por isso que, meio decidida, meio hesitante, continuo ao lado do grupo enquanto eles seguem até um ponto que acham bom o suficiente.

Um trio elétrico está parado mais à frente, alternando entre marchinhas de carnaval e os funks do momento. Natalie já está pulando, empolgada, enquanto compramos as bebidas. Em nenhum outro

momento da minha vida, eu aceitaria beber antes de meio-dia. Mas talvez uma cerveja caísse bem. Pelo menos podia me ajudar a perder aquele medo todo.

Nos concentramos em rodinha e começamos a conversar. Bem, na verdade eu só escuto os quatro conversarem. Fico em silêncio, bebendo minha Skol Beats e observando o público crescente. Muita gente está fantasiada, alguns apenas com saias de tule — homens, principalmente, com asinhas de borboleta ou arquinhos de Minnie —, outros com roupas mais elaboradas. Tenho vontade de usar alguma fantasia diferente e engraçada, mas nunca fui muito criativa. Hoje, todo o nosso grupo tinha decidido vestir apenas roupa de praia. Ninguém estava com pique para ser inventivo às oito da manhã, mesmo Victor, que, aparentemente, era acostumado a levantar cedo.

Saco o celular para ver uma notificação do WhatsApp da minha mãe e, antes que eu perceba, já estou no Instagram. Eu tinha me prometido que não ia entrar no aplicativo durante toda a viagem exceto para postar fotos, mas o segundo dia mal começou e eu já descumpri a promessa. Eu sei, sou

PERIGOSAS NACIONAIS

um caso perdido. Mas sem saber exatamente o que dizer, sinto a necessidade de ocupar minhas mãos com alguma coisa e o celular sempre funciona perfeitamente para isso, não é mesmo? O Instagram, especialmente. Mais especificamente, o perfil do Edu.

— Eu não acredito que você tá fazendo isso! — exclama Natalie, de repente, sua voz estridente ecoando no meu ouvido. — Me dá isso aqui! — Ela puxa o celular da minha mão antes que eu tenha tempo de analisar pela milésima vez a foto das mãos dele e da noiva, com seus anéis de noivado.

A foto é linda. De profissional. Tudo bem planejado. Uma palavra que nunca entrou no vocabulário do *nosso* relacionamento.

Não é que eu ainda ame o Edu. E eu *estou* feliz que ele esteja bem em seu novo relacionamento. Mas não consigo parar de me perguntar: o que deu errado no nosso? O que tivemos de diferente para que ele quisesse com ela, uma mulher que conhecia há poucos meses, o que nunca quis comigo em sete anos?

PERIGOSAS ACHERON

— O que houve? — pergunta Téo, espiando por cima do ombro de Natalie enquanto a abraça pelo pescoço.

Eu lanço um olhar de alerta para Natalie, mas ela nem nota.

— Aff, a Júlia tá olhando o Instagram do ex!

— Natalie! — reclamo, sentindo minha voz subir um tom mais agudo. Agora ela queria ainda contar *toda* a minha história trágica e meus momentos vergonhosos de recaída para eles?

— Péssima ideia — concorda Elio, assentindo com a cabeça em concordância e estalando a língua.

— Aliás, eu ia perguntar isso no carro, mas... Vocês não terminaram tem, tipo, um tempão? — pergunta Victor, se virando para mim.

Cruzo os braços. Como ele sabe disso?

— Você anda falando de mim pelas costas, é, garota? — pergunto, olhando para Natalie.

Ela solta um muxoxo.

— Eles são meus amigos, sabem tudo sobre a minha vida. E você faz parte disso. — Ela empina o nariz, como se estivesse totalmente certa. Então se vira para Victor. — E, sim, eles terminaram tem um tempão. Mas ela descobriu na sexta que ele vai casar com uma mulher que conheceu há dez meses e agora tá se remoendo de novo!

— Ei, eu só tava olhando uma foto. Não era nada de mais! — Não sei por que estou me justificando para eles, mas sinto essa necessidade urgente de não parecer a ex louca e desesperada que devo estar parecendo. Os quatro estão me olhando, me julgando. — A gente ainda é amigo — acrescento, baixinho.

— Esse negócio de amizade com ex nunca dá certo — comenta Victor, arqueando uma sobancelha.

— Só porque *você* não consegue fazer isso não quer dizer que todo mundo seja assim. Não sei qual é a lei que proíbe ex-namorados de continuarem a

ser amigos, se o namoro terminou em bons termos.

Victor ri e ergue as duas mãos à frente do corpo, em rendição.

— Calma! Eu só tô dando minha opinião. E não acho que você não *pode* ser amiga do seu ex. Só acho complicado quando a coisa é recente.

— Um ano não é recente — retruco.

— Bom, você continuou a falar com ele mesmo quando tinham acabado de terminar — lembra Natalie, e eu a fuzilo com o olhar. Do lado de quem ela estava?

— Além do mais, é recente se você ainda gosta da pessoa — completa Elio, em concordância.

Isso é um complô?

— Bom, eu não gosto mais dele, e também não vejo nada de mais em continuar falando com uma pessoa que fez parte da sua vida por tanto tempo e que sempre foi seu amigo, não importa se a parte romântica acabou. — Eu sei que estou começando

PERIGOSAS ACHERON

a entrar na defensiva, mas a reação é quase automática. Já ouvi tantas pessoas darem pitaco na minha vida com relação a isso que me sinto cansada. A forma como eu levo a minha vida não diz respeito a mais ninguém exceto a mim mesma.

— Você ficou mal quando ele começou a namorar? — pergunta Victor, de repente. — Se sentindo frustrada, porque no fundo tinha uma certa expectativa de que vocês ainda podiam voltar? Se sentindo traída porque quando ele contou que tava saindo com alguém você não imaginou que fosse virar algo tão sério?

— Quê? Claro que não — respondo, nervosa. É óbvio que é uma mentira. Fecho minha mão em punho.

Victor dá um sorrisinho triunfante, porque ele consegue ver isso na minha expressão.

— E você achava que tinha superado, mas ficou abalada com a notícia do casamento? — Ele nem me dá chance de responder. — Eu acho que é normal a gente não querer largar o osso quando o

namoro não termina mal. Mas às vezes a gente precisa se distanciar pra superar. Não significa que você nunca mais vá falar com ele. Só se dê um tempo até se desligar. É muito difícil superar quando você permite que a pessoa te mantenha por perto por comodismo. Porque ele só ia conseguir largar quando tivesse outra coisa garantida, né? E faz bem pro ego saber que tem alguém ali, nos esperando...

— E você sabe bem disso porque deve ser mestre, né? — rebato, fechando a cara para ele. — Só porque você é um babaca não significa que todos os homens são assim.

O ar fica subitamente mais pesado.

Téo pigarreia, tentando desviar a atenção da conversa.

Mas Victor não o deixa dizer nada.

— Não tô dizendo que todos os homens são assim. — Victor está sério, mas há um leve brilho de diversão em seus olhos. — Muito menos que ele fez isso de propósito. Isso faz parte do PERIGOSAS ACHERON

comportamento humano, na verdade. A gente gosta da segurança. Se arriscar é difícil. Não tem tanto a ver com sentimentos, nem com ser babaca, às vezes é quase involuntário, ainda mais depois de vocês terem ficado juntos por tanto tempo. É o costume de ter aquela pessoa só pra você. Você não acha que ele ia se doer se você aparecesse com alguém agora, mesmo estando com outra pessoa?

— Não acho, não. — Eu sustento seu olhar. Será que ele está certo? Não que eu queira ver Edu se doendo, mas... bem, na verdade é isso, sim. Uma parte irracional de mim quer saber que ele está sofrendo tanto quanto eu. O que é vergonhoso e frustrante, mas não posso evitar me sentir assim.

— Então você tá sendo ingênua. E permitindo que ele continue te machucando mesmo um ano depois de terminarem. Porque, afinal, ele está lá, noivo de outra pessoa, e você tá aqui, se remoendo com uma foto no Instagram. Tá valendo a pena se apegar tanto a essa ideologia de que não tem problema ser amiga do ex, mesmo quando isso te magoa?

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu abro a boca para responder, mas Victor se distancia e segue até a barraca mais próxima para comprar outra cerveja, me impedindo de retrucar.

Mas o que mais eu poderia dizer, de qualquer maneira?

Natalie me espia de canto de olho, e eu semicerro os olhos.

— Você me paga — articulo com a boca, sem som, fazendo-a sorrir com doçura, como ela sempre faz quando está tentando me reconquistar.

— Te amo — diz ela, apertando minha bochecha, e eu a empurro de leve, ainda meio irritada, e tomo meu celular de sua mão.

Olho para o aparelho por um segundo antes de guardá-lo no bolso da calça. Então desvio o olhar para a multidão e tento não pensar em tudo que Victor falou.

PERIGOSAS ACHERON

4

Já sei namorar, agora só me resta ficar

Não que eu esteja disputando alguma coisa, mas é um pouco frustrante ver todos eles curtindo e ficando com outras pessoas e eu... nada. Estou me sentindo um peixinho fora d'água.

Os amigos de Natalie tinham se afastado do grupo poucos minutos depois da minha pseudodiscussão com Victor, e Natalie bem tentou me fazer companhia, mas vários caras bonitos chegaram nela durante o tempo em que ficamos juntas e, em algum momento, ela acabou desistindo da minha rabugice.

PERIGOSAS NACIONAIS

Eu *quero* agir diferente. Quero curtir aquela viagem. Mas não sei como.

Encosto em uma grade de bicicleta, no meio-fio, e fico observando o evento lotado, batendo os pés ao ritmo da marchinha. Natalie está beijando um barbudo a poucos metros de mim, e, algum tempo depois, vejo Téo irromper da multidão, olhar para ela e se perder entre as pessoas novamente.

Sei que Téo e Natalie tem uma amizade colorida há muito tempo, mas não os vi ficar desde que chegamos a Cabo Frio. Talvez eles tenham feito um acordo de curtirem o Carnaval separados, e, pelo que eu podia ver, os dois estavam fazendo isso muito bem. Natalie sempre foi do tipo que curte a vida sem preocupações, um dia de cada vez, pensando no que é melhor para si mesma. Ela sabe aproveitar muito melhor as oportunidades da vida do que eu. Sabe aquele ditado? Se a vida te der limões, faça uma limonada? A Natalie faz caipirinhas. Eu coloco os limões na geladeira para esperar o momento em que eles vão ser necessários e, quando lembro que eles existem, estão estragados.

PERIGOSAS ACHERON

Mas, pela cara de Téo quando a viu beijando outro cara, será que ele está feliz com essa situação? Eu preciso me lembrar de perguntar sobre isso a Natalie.

Viro o rosto para o outro lado, e Elio surge à minha frente.

— Não acredito que te abandonaram! — diz ele, parecendo chocado.

— Pois é. Você inclusive.

Ele leva a mão ao peito, como se estivesse ultrajado.

— Como eu pude fazer isso? Abandonei a minha missão para beijar muitas bocas. Sou um crápula!

Eu abro um sorriso.

— Tudo bem, beijar muitas bocas parece *mesmo* muito interessante.

— Então por que você não tá fazendo isso?

Meu sorriso murcha, e eu dou de ombros, sem saber exatamente o que dizer.

— Você tá muito tensa, mulher. — Ele pega minhas mãos e começa a sacudir meus braços, como se aquilo fosse resolver todo o meu nervosismo. — Precisa se soltar mais, dançar, rir, paquerar. As coisas só vão acontecer se você estiver *aberta* a isso!

Ele me puxa de onde estou, me fazendo desencostar da grade, e começa a pular no ritmo da música, ainda segurando minhas mãos. Eu hesito no começo, relutante, mas Elio me faz girar e leva as mãos aos meus ombros, balançando meu corpo, até que eu esteja acompanhando a empolgação dele.

A marchinha do bloco dá lugar a um samba-enredo antigo do Salgueiro, e Elio me solta para começar a sambar.

— *No mar eu jogo a saudade, amor* — canta ele, empolgado, levantando as mãos para o ar.

É impossível não me deixar contagiar pela
PERIGOSAS ACHERON

animação dele. Como conheço a música, acabo cantando junto.

— *O tempo traz esperança e ansiedade, vou navegando em busca da felicidade.*

Quando o refrão começa (“*Explode coração na maior felicidade*”), Natalie se junta a nós dois, pulando e cantando também. Terminamos a música rindo, e eu me sinto um pouco mais leve. Elio já começa a cantar a nova música, que eu não conheço, mas tento acompanhar o ritmo dançando. Téó passa pelo grupo, acompanhado de uma garota. Ele não para, mas segue até a barraca de bebida.

— Não é estranho isso aí, não? — pergunto para Natalie, indicando o casal com a cabeça.

— A gente combinou que não ia ficar nesse Carnaval.

— Mas tá de boa pra você?

Ela dá de ombros, despreocupada.

— A gente não tem nada sério. E eu nem quero,
PERIGOSAS ACHERON

pra falar a verdade. O Téo é um ótimo pau amigo.

Eu deixo escapar uma risada.

— Você não tem jeito, Nat.

— Eu sou toda ajeitada, amiga. Do jeitinho certo. — Ela pisca para mim. — Mas, no momento, eu tô mais preocupada com você.

— Comigo?! — Arregalo os olhos, sem entender. — Por quê?

— Já vi vários caras chegando em você, e você nem deu bola!

— Ué! Eu sou obrigada?

— Claro que não, né? Mas... — Ela hesita. — Posso ser sincera?

Aceno com a cabeça, dando permissão para que ela continue. Como se Natalie precisasse disso para falar suas verdades.

— Não tem problema nenhum você não querer

ou não gostar de ficar assim, sem compromisso. Mas é que parece que você se coloca num casulo, sabe? — Ela chega mais perto, para falar no meu ouvido. — Se joga, amiga. É carnaval. É uma experiência. Se você não gostar, pelo menos você vai ter tentado.

Ela se afasta e sorri para mim. Eu sei que Natalie está certa, mas...

— Eu não sei nem como fazer isso. Nem consigo manter contato visual com as pessoas sem ficar envergonhada.

— É só não abaixar a cabeça — diz Elio, se intrometendo na conversa. — É questão de prática. Aqui, escolhe alguém que você acha interessante pra praticar.

Olho ao redor, hesitante, e vejo Victor se aproximando do grupo. Desvio o olhar, nervosa de repente.

— Não sei se consigo.

— Consegue o quê? — pergunta Victor,
PERIGOSAS ACHERON

parando ao nosso lado.

— Paquerar — Natalie responde por mim.

Ela precisava dizer isso?

— Tô tentando ensinar ela a retribuir olhares sedutores — explica Elio, semicerrando os olhos em uma tentativa de ser sexy. — Mas ela tá sendo medrosa.

— Você pega o jeito, Jujuba — afirma Victor, e então apoia o braço no meu ombro. — Olha para mim.

— Por quê?

— Pra treinar, ué.

Eu olho para Natalie, insegura.

— Faz o que ele tá dizendo — diz Natalie, autoritária, segurando minha cabeça em direção a Victor.

Eu o encaro e sinto meu rosto ficar vermelho na

PERIGOSAS NACIONAIS

mesma hora. Quero muito desviar o olhar, fugir daquela situação constrangedora, mas tento me obrigar a continuar. Natalie já soltou meu rosto, mas quase consigo sentir suas mãos ainda me mantendo ali, parada, analisando a pele negra de Victor, o maxilar quadrado, os pelos no queixo e no bigode começando a despontar, os lábios carnudos entreabertos, o nariz largo entre os olhos castanhos e redondos que encaram os meus. Sinto meu corpo formigar, mas o rubor começa a se dissipar devagar. Eu engulo em seco e desvio o olhar.

— Falta um pouquinho de charme, mas dá pra pegar o jeito — ouço Victor comentar, e volto a ficar vermelha.

Aff, ele precisa ser tão insensível?

— Ela vai pegar o jeito — brinca Natalie, dando um tapinha nas minhas costas.

— Muito difícil esse negócio de flertar — murmuro, tentando me recompor.

— Que difícil o quê? Facinho.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Viro meu rosto para Victor e o encontro sorrindo. Há alguma coisa diferente naquele sorriso, mas não sei decifrar o quê.

— Fácil pra você dizer — arqueio a sobancelha, em desafio. — Não foi você quem cresceu sendo ensinado que não podia flertar com as pessoas pra não parecer vulgar.

Eu fito seu rosto, esperando algum comentário engraçadinho da sua parte, mas ele abaixa a cabeça, em uma espécie de medida.

— Justo — diz apenas.

— Agora vamos encontrar um macho pra você — diz Elio, empolgado. Seu olhar perscruta a multidão. — Que tal aquele ali? De Super-Homem.

— Que clichê — digo, mas analiso o cara mesmo assim. Ele é bonito, de um jeito meio convencional, mas é o suficiente. Eu respiro fundo, me sentindo estranha e ousada ao mesmo tempo. Pego a cerveja da mão de Victor e bebo um gole, tentando ganhar uma confiança que não sei se tenho.

PERIGOSAS ACHERON

Espero o cara se virar na nossa direção. Quando o faz, seu olhar passa direto por mim. Depois volta e para.

Eu prendo a respiração e continuo encarando-o, tentando parecer mais sedutora e menos *creepy*. Ele abre um sorriso, e eu começo a entrar em pânico. Não tenho a menor ideia do que devo fazer agora! Será que falo com ele? Será que espero?

Antes que eu consiga me decidir, ele vem ao meu encontro.

— E aí, tudo bem? — cumprimenta ele, perto do meu ouvido, por cima da música.

Olho muito rapidamente para Natalie, Victor e Elio. Minha amiga e Elio fazem um joinha com a mão, e Victor dá uma piscadela.

Volto a atenção ao cara e, quando respondo que sim, ele pergunta:

— Qual é seu nome?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Júlia e o seu?

— Igor.

Ele se afasta e dá um sorriso.

E é isso. Não há espaço para conversa nenhuma porque ele logo avança na minha direção para me beijar. Eu tenho vontade de rir e de fugir e de deixar rolar, tudo ao mesmo tempo. É estranho e excitante. A perspectiva de beijar alguém depois de tanto tempo, mesmo que um desconhecido, me parece, pela primeira vez, algo empolgante. Sinto meu ombro relaxar, e meus olhos se fecham um milésimo de segundo antes de a boca dele encontrar a minha.

E aí, tudo ao meu redor parece ficar em silêncio.

PERIGOSAS ACHERON

5

Um sentimento sem sentido

— Que isso, muito pegadora essa princesa Jujuba. — Victor me cutuca com um sorriso de lado, e eu dou um tapa na mão dele, tentando ficar séria.

Mas não consigo. Meus lábios se curvam levemente.

Tem sido cada vez mais difícil não me sentir à vontade com ele. E isso me assusta. Porque Victor parece ótimo e tem me ajudado muito, mas eu sei como ele é. E eu sei como eu sou.

A combinação é sem sentido. Imperfeita. Tem

PERIGOSAS NACIONAIS

todas as chances de me machucar.

— Para, Victor — reclamo, tentando me desviar da mão dele.

— Ah lá, tá até sorrindo à toa — brinca ele, levando o dedo agora ao canto da minha boca, apontando para o sorriso.

— Você é muito implicante!

— Mas é verdade, amiga! — A voz de Natalie vem da cozinha, onde ela está com Téo, preparando nosso jantar. Tenho até medo do que vai sair dali, mas tínhamos combinado de nos revezar para não sobrecarregar ninguém, então nada mais justo. — Estamos todos muito orgulhosos de você.

— Do jeito que vocês tão falando, parece que eu acabei de me formar.

— Se formou na graduação da pegação — fala Téo, com um sorrisinho safado no rosto.

Reviro os olhos; as piadas dele são as piores.

PERIGOSAS ACHERON

— Téó, você contando piadas é um ótimo cozinheiro — zomba Elio, que está deitado no sofá, todo cheio de glitter que não estava originalmente no corpo dele.

— Falando em graduação da pegação, Elio, tu sumiu, hein? — Téó dá uma piscadela maratona para ele, colocando a língua para fora como se imitasse um beijo.

Um beijo bem nojento.

Como minha amiga consegue ficar com esse garoto?

Como se adivinhasse meus pensamentos, Natalie me encara e dá de ombros.

Quando a janta fica pronta, nos sentamos no chão, ao redor da mesinha de centro, para comer.

Assim que dou a primeira garfada, eu me viro para Victor.

— Amanhã é a gente que vai cuidar do jantar, né? — Abro um sorriso amarelo, ainda com a boca

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

meio cheia.

— Ei — reclama Natalie, ao meu lado. — Não tá tão ruim assim...

Ela coloca uma garfada na boca e mastiga.

— Tá até gostosinho pro meu padrão.

— Tá ótimo, miga. Você com certeza tá melhorando.

Natalie me fuzila com o olhar ao notar meu tom sarcástico.

— Sua ingrata.

— Quer dizer que minha comida é melhor que a da Natalie? — pergunta Victor, desviando minha atenção.

— Sim! — dizemos todos, em uníssono. Até o Téo.

— Ai, vocês são muito chatos! — reclama ela, e leva outra garfada à boca.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas elogiar que é bom, a senhorita não elogiou, né?

Olho para Victor novamente.

— Você precisa que as pessoas fiquem afirmando suas qualidades pra se garantir? — pergunto, debochada, mas um leve sorriso no canto da boca me trai.

— Você tem sempre uma resposta na ponta da língua pra tudo?

É Natalie quem responde.

— Sim! É uma mania insuportável, inclusive. T-u-d-o que eu falo, essa garota retruca.

— Desculpa, amiga. Te amo. — Faço um coração com as mãos para ela, que me dá língua, mas depois manda um beijo no ar.

Quando terminamos de comer, Victor retira os pratos e começa a lavar louça. Ele se concentra na atividade, colocando um avental e tudo para não se molhar. Eu fico tão distraída observando-o

PERIGOSAS ACHERON

trabalhar que levo um segundo para perceber o pontinho escuro se movendo perto de mim.

Solto um berro tão alto que todo mundo se assusta.

— Uma barata!! — grito enquanto me levanto num pulo e saio correndo para o interior da casa. Em menos de um segundo, já estou em cima da cama, no quarto de casal, o coração tão acelerado que parece que vi um fantasma.

Ouçó Téó e Natalie gritarem juntos, e posso imaginar minha amiga pulando no sofá em desespero. Quando essas coisas aconteciam lá em casa, era um sofrimento para decidir qual de nós duas iria matar a dita cuja. Nós somos mulheres fortes e independentes, abrimos tampa de vidro, pregamos quadro na parede e qualquer outra coisa que se possa imaginar.

Mas, ah... A barata.

Nessas horas tudo que eu quero é um homem forte e corajoso para matá-la por mim. Ainda bem que, hoje, temos três deles. Apesar de que,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

aparentemente, Téo não conta.

Ouçõ um barulho de sapato batendo no chão, e o choramingo cessa.

— Tá morta já. Podem descer. — É a voz do Elio, rindo.

Outra pessoa se junta aos risos. Victor.

— Tá nada! Olha a antena se mexendo — diz Natalie, apavorada.

— É assim mesmo, Nat, agora já morreu — garante Téo.

Natalie fica irritada na hora.

— Ah, tira esse tom condescendente da voz que você tava aqui do meu lado nesse sofá, seu ridículo!

Passos se aproximam do quarto, e, quando me vê em cima da cama, Victor ri ainda mais.

— Eu nunca vi alguém correr tão rápido assim.

PERIGOSAS ACHERON

Você quase levou um tombo pulando a mesinha de centro! — Ele se curva, rindo tanto que os olhos estão marejados. — Já pensou em se inscrever pra corrida de obstáculos?

Eu fecho a cara.

— Dá licença? Agora não posso ter medo?

Victor pressiona os lábios e tenta conter a risada enquanto se aproxima da cama para me ajudar a descer.

Balanço a cabeça.

— Já tiraram ela da sala?

Ele morde o lábio, ainda se esforçando para não rir. Então tira o braço de trás das costas e diz:

— Já sim, tô indo jogar fora. — E estende a barata morta pela antena.

Na. Minha. Frente.

Volto a gritar e pulo para o outro lado da cama,
PERIGOSAS ACHERON

quase caindo de novo no processo.

— Victor, seu filho da puta! Tira esse troço daqui! — choramingo, nervosa, sentindo os olhos marejados enquanto ele explode em uma risada.

— Victor, se a Ju te matar de noite a culpa é toda sua! — Ouço Natalie berrar da sala, provavelmente com medo demais para vir ao quarto. — Joga logo esse troço fora!

Sim, eu tenho *mesmo* muito medo de barata e fico revoltada com qualquer um que faça piada disso. Natalie sabe bem disso. O medo entra em conflito com a raiva, e sinto as lágrimas rolarem pelo meu rosto.

Quando percebe meu estado, Victor para de rir na mesma hora. Ele segue até o banheiro da suíte, joga a barata no vaso e dá descarga. Então começa a sair do banheiro.

— Lava a mão — ordeno, antes que consiga me conter, apontando para ele em acusação.

Ele ergue as mãos em rendição e volta para o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

banheiro para lavá-las.

— É o suficiente? — pergunta ele, sério, mostrando as palmas para mim.

— Eu diria pra você tomar banho de álcool agora.

— Pode ser de vodka? — Ele dá um sorrisinho de lado, e eu sinto raiva de mim mesma por não conseguir evitar que o cantinho da minha boca se erga.

Victor se aproxima, dando a volta na cama para chegar até mim.

— Desculpa, não sabia que você tinha tanto medo assim — pede ele com a voz baixinha. — Prometo que não faço mais isso.

Ele estende a mão para secar minhas lágrimas, e eu recuo, fazendo-o sorrir.

— Foi com a outra mão — assegura, mas não volta a tentar me tocar.

PERIGOSAS ACHERON

Em vez disso, ele se afasta, só um pouco, abrindo espaço para eu voltar para a sala, mas fico onde estou. É estranho, mas não quero me mover. Pelo menos por um tempo. Agora que a adrenalina deixou meu corpo, começo a sentir um formigamento estranho com a proximidade dele.

Victor arqueia a sobrancelha, sustentando meu olhar.

Alguns segundos depois, ouço passos seguindo até o interior da casa.

— Já jogou ela fora, Victor? — berra Natalie, da entrada da sala.

Engulo em seco, ainda olhando para Victor, e dou um passo para trás.

— Até que tô melhorando nesse negócio de encarar, né? — digo, casualmente, quebrando o contato visual e seguindo o caminho de volta para a sala.

Mas não tem nada de casual na forma como meu corpo todo pega fogo naquele momento.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

6

Cansada de sofrer, agora quer se libertar

Encaro meu reflexo no pequeno espelho redondo do banheiro.

Sempre tive vontade de pintar meu cabelo de rosa, mas, toda vez que eu finalmente tomava coragem de realizar esse desejo antigo, uma insegurança absurda reverberava dentro de mim, e eu desistia. Eu tinha medo de não combinar comigo, de me sentir ridícula e não ter como voltar atrás; afinal, o medo sempre foi um sentimento que tomou conta da minha vida. E acho que, talvez por isso, eu tenha me deixado ficar tanto tempo naquele relacionamento com Edu, apesar da minha PERIGOSAS ACHERON

infelicidade.

Eu me sinto decepcionada comigo mesma.

Olho para o celular em minhas mãos e destravo a tela novamente para encontrar a foto mais recente de Edu. Ele e a namorada, Thalita... ou melhor, *noiva*... estão se encarando com olhares apaixonados; ao fundo, um lago e uma construção ao estilo europeia estão desfocadas, compondo o momento. Segundo a localização do Instagram, a foto foi tirada em Gramado. Ele não só pediu a garota em casamento, como também viajou com ela para isso.

Essa não é a primeira vez — e provavelmente não será a última — que eu o vejo realizar com ela planos que sempre prometeu a mim, mas nunca cumpriu. Não sei descrever exatamente o que sinto vendo aquela foto, muitas coisas passam pela minha cabeça. Onde foi que tudo começou a dar errado? Será que, se eu tivesse tido mais pulso firme, se eu tivesse me posicionado mais, teria conseguido tirá-lo da zona de conforto ou o grande problema era que ele não me amava o suficiente

para querer lutar pelo nosso relacionamento?

Sinto uma lágrima escorrer pela minha bochecha. É bem possível que eu nunca tenha a resposta para essas perguntas. Mas acho que elas tampouco importam. Edu e eu não estamos mais juntos. Eu só não esperava que, em menos de um ano, fosse vê-lo não apenas namorando, mas também postando foto do seu noivado com essa pessoa. O noivado que eu esperei por sete anos, e que, para ela, só levou míseros dez meses.

Fecho os olhos e respiro fundo. Dez vezes. E me obrigo a mudar meu padrão de pensamento. Estou linda. Meu cabelo ficou ótimo. Vou encontrar um emprego melhor e me sustentar. Eu sou capaz.

Repito as frases várias vezes na minha cabeça, e então abro os olhos e repito tudo para o meu próprio reflexo, baixinho. A positividade em minhas palavras começa a se espalhar pelo meu corpo, dissipando a tristeza que me domina, pouco a pouco.

PERIGOSAS NACIONAIS

Determinada, desbloqueio o celular novamente. Não tenho coragem de parar de segui-lo, mas sei que Natalie e todos os meninos estão certos. Preciso de um tempo. Preciso respeitar meu emocional. Sinto que finalmente estou pronta para isso, então silencio o Instagram de Edu, guardo o aparelho e vou ao encontro de todos na sala.

Seguimos para a praia cedo, já que o primeiro bloco da cidade só começa à tarde, e os quatro decidem dar um mergulho. Quando me nego a acompanhá-los e digo que vou ficar cuidando dos nossos pertences, Victor fica para trás.

— Não vai entrar no mar, Jujuba? — Ele se joga na canga ao meu lado.

— Na verdade, tenho um pouco de medo do mar — admito, sem encará-lo. — Prefiro só ficar vendo de longe assim.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Penso que Victor vai fazer alguma piadinha sobre eu ser tão medrosa, mas ele apenas assente com a cabeça.

Fico observando enquanto Natalie, Téo e Elio pulam no mar calmo. Téo pega Natalie no colo e a joga na água, fazendo-a reclamar e rir ao mesmo tempo. Pela expressão no rosto dele, tenho a impressão de que Natalie é a única que não quer nada sério naquela relação.

Desvio o olhar, tentando não pensar no calor do corpo de Victor próximo ao meu. A areia debaixo dos meus pés é uma mistura de grãos brancos e fininhos que vêm das dunas à direita e de grãos mais amarelados e grossos. O mar se estende como um tapete azul e cintilante, refletindo a luz do sol.

Victor deita na canga e cruza as mãos atrás da cabeça. Olho para ele com a sobrancelha arqueada, me forçando a não focar nos músculos saltados de seu braço, nem nas tatuagens pelo tórax liso e bem-definido, muito menos na trilha de pelos rasteiros que descia do umbigo até...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Desistiu de dar um mergulho? — pergunto, engolindo em seco.

— Aqui tá mais interessante.

Semicerro os olhos.

Ele está *mesmo* flertando comigo?

— Ah é? O que tem aqui de interessante? Ainda não vi. — Eu me faço de sonsa e olho ao redor, como se estivesse procurando alguma coisa.

Victor dá uma risadinha.

— Gosto de conversar com você, ué. Tem algum problema nisso?

Eu o encaro, surpresa com a resposta. Estava esperando algum comentário mais cafajeste, mais típico dele. Não que ele gostasse de *conversar* comigo.

— É assim que você conquista as garotas? — pergunto, sarcástica. — Falando do papo delas, de suas personalidades?

PERIGOSAS ACHERON

Ele arqueia a sobrancelha.

— Você acha que eu tô dando em cima de você?

Eu ruborizo, mortificada com a resposta. Ai. Meu. Deus. Que vergonha! Tenho vontade de enfiar a cabeça na areia e nunca mais sair dali.

Antes que eu consiga dizer qualquer coisa, ele dá uma risadinha.

— Você deve pensar muito mal de mim mesmo. Queria saber o que eu fiz pra merecer esse tratamento. — Ele ergue o tronco, voltando a se sentar. — A Natalie anda falando mal de mim pelas costas, é?

Ops.

— Ela me conta das saídas de vocês, só isso. Ela me dá os fatos, a conclusão é minha. — O que é verdade. Natalie nunca disse que Victor é galinha, mas é o que fica subentendido em suas histórias.

— Ah é? — Victor apoia a mão no espaço entre
PERIGOSAS ACHERON

nós dois, se inclinando levemente na minha direção. — Suspeito que essa sua mania de tirar conclusões precipitadas deixou você com uma má impressão de mim.

A boca dele se curva tão levemente que quase não noto. Filho da mãe. Ele está brincando comigo.

Sei que estou me metendo numa tremenda enrascada, mas empino o queixo levemente, mantendo os olhos à altura dos dele.

— Quer dizer então que você não é um playboyzinho galinha?

Victor inclina a cabeça e solta um muxoxo alto.

— A Natalie devia aprender que não se conta as coisas pela metade.

— Você nega?

— Você quer o meu currículo?

Sim, é o que eu quero. Mas não digo isso em voz alta, porque não quero dar a ele a satisfação de

saber que estou interessada.

— Eu não quero nada, não tenho nada a ver com a sua vida. — É a resposta malcriada que dou.

— Mas eu não posso deixar que você fique pensando tão mal de mim. — Ele olha para a frente e fica em silêncio, pensativo. — Vamos fazer assim, então: cada um tem direito a uma pergunta de cada vez.

Mordo o lábio, indecisa. Quero aceitar, é claro, pois agora estou morrendo de curiosidade de saber o que posso ter entendido errado sobre ele. Mas, além de não querer demonstrar meu interesse, não sei se quero compartilhar coisas pessoais.

Victor parece compreender exatamente minha indecisão, porque ele diz:

— Podemos começar por coisas básicas e, se você não quiser responder, é claro que não vou pressionar. — Continuo em silêncio, mas ele entende isso como um consentimento. — Você é de TI, né?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aham — murmuro em concordância e sinto que acabei de quebrar a barreira que eu mesma impus. — E você?

— Psicologia.

Não é à toa que ele sabe lidar tão bem com as pessoas.

— Que tipo de música você gosta? — continua ele.

E, de repente, me vejo conhecendo um Victor completamente diferente da imagem que eu tinha feito dele.

Victor mora mesmo na zona sul, como Natalie havia falado — mas no apartamento funcional ao qual o pai tem direito, por ser porteiro do prédio. Não nega que é um cara extrovertido e que faz amizade com todo mundo, mas também diz que, por causa disso, muita gente acha que ele pega todo mundo.

— Ah, para. Não tem problema admitir que é pegador — digo, cética.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu também acho que não tem problema, até porque eu sou solteiro, né? Se eu fosse, eu admitiria.

— Só ontem te vi com umas cinco garotas!

Ele abre um sorrisinho.

— Quer dizer que você tava prestando atenção?

Pressiono os lábios para conter um sorriso sem graça. Sim, eu estava prestando atenção. Muito mais do que ele podia imaginar.

— Então você admite?

— Não. — Ele balança a cabeça. — Eu fiquei com duas garotas ontem. Uma delas tava com um grupo de amigas, e elas me pediram companhia pra comprar bebida algumas vezes, pra evitar o assédio dos caras.

Olho para ele, desconfiada. Ele pode estar mentindo, é verdade, mas não faria sentido. Victor sabe que posso confirmar qualquer coisa que disser com Natalie. E, no fundo, consigo sentir que está

PERIGOSAS ACHERON

sendo sincero. Desde que chegamos, ele tem sido implicante comigo, sim, mas não desrespeitoso. Não me destratou nem mesmo quando o xinguei de babaca por me dar conselhos — ainda que dolorosos — sobre minha relação com Edu. Para dizer a verdade, senti até certa afinidade com ele, descobri que gostávamos de várias coisas em comum e que eu me sentia bem quando estávamos juntos, menos tensa.

Isso significa que entendi errado tudo que minha amiga disse sobre ele. No fim das contas, Victor não é um babaca riquinho e pegador. E esse tempo todo eu o estive julgando com base unicamente nas minhas suposições idiotas e preconceituosas.

Que tipo de pessoa isso *me* torna?

— Não tem problema — diz ele, quando o silêncio se estende por tempo demais. — Acontece.

Balanço a cabeça com veemência.

— Não. Eu não devia ter ficado julgando você sem nem te conhecer. Eu fui arrogante.

Se eu fosse sincera comigo mesma, admitiria que passei boa parte da minha vida me achando tão superior a pessoas como Victor, Téo, Elio e até Natalie, por não gostar daquele estilo de vida, de ir a festas, beber e ficar com várias pessoas, que eu me permiti julgar todos eles sem nem conhecê-los. Talvez, no fundo, aquele sentimento de superioridade não passe de inveja, por eles conseguirem curtir a juventude com tanta facilidade enquanto eu estava acomodada na segurança da minha casa e do meu namoro frustrado.

Mas isso é assunto para ser debatido na terapia.

— Te devo um pedido de desculpas — digo para Victor, estendendo a mão como se quisesse firmar um pacto.

Ele olha para minha mão, então para mim, e dá uma risada leve e espontânea, que faz seu rosto todo brilhar. Em seguida, aperta a minha mão e me encara com um olhar intenso.

— Isso significa que você vai parar de ficar na defensiva perto de mim? — Ele não solta minha
PERIGOSAS ACHERON

mão enquanto espera a resposta.

Meu coração acelera e minha mão formiga com seu toque. Tenho um impulso de me afastar e erguer novamente a barreira entre nós, mas... por que eu deveria fazer isso? Do que eu tenho medo?

É assim que vai ser minha vida agora? Vou viver com medo de me envolver, de me entregar, de partir meu coração? Eu sei que isso é impossível, nunca poderei garantir que não vou me magoar. Então posso escolher não me abrir para ninguém e não me permitir sofrer — muito menos ser feliz — ou posso aceitar que a vida é assim mesmo e que, para ter bons momentos, preciso me arriscar a quebrar a cara.

Sinto meu corpo relaxar enquanto aperto a mão dele com mais força, decidida.

— Sim, vou te dar o benefício da dúvida.

Abro um sorriso lentamente, e Victor o retribui. Por um segundo, nos encaramos em silêncio, e sinto um formigamento se concentrar em meu ventre. Sei que estou ferrada e que não tem mais

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

volta, mas, no momento, não estou ligando para isso.

PERIGOSAS ACHERON

7

Você me vira a cabeça

Balanço meu corpo para lá e para cá no ritmo da música, ainda tímida demais perto das pessoas ao meu redor. A noite já caiu faz algumas horas, e a bateria do trio elétrico parou de tocar há mais de uma, mas o bloco na orla da praia do Forte segue fervilhando. Um funk que manda as novinhas sentarem e balançarem o bumbum ecoa pelas caixas de som enquanto tento imitar Natalie, que empina o bunda com facilidade, sem nem apoiar as mãos nas pernas.

— Olha só, presta atenção — ordena ela um segundo antes de o refrão recomeçar, agachando e subindo várias vezes e rebolando durante a dança.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não tenho coordenação pra fazer isso tudo — digo, dando uma risadinha sem graça, enquanto tento imitá-la. Apesar disso, estou me divertindo aprendendo as coreografias dos hits do momento e pulando Carnaval. Em algum momento, Téo surgiu com arcos de borboleta para todos nós e sinto que tem glitter em todo o meu corpo, mesmo que eu não tenha passado nada.

A minha conversa com Victor marcou uma mudança nas minhas atitudes com relação àquela viagem. Antes, eu estava me esforçando muito para relaxar, mas não conseguia, de jeito nenhum, me sentir parte daquele grupo. Eu mal percebi que tinha erguido uma barreira não apenas entre mim e Victor, mas entre mim e todos eles. A minha dificuldade de socializar e minhas desculpas de aversão ao Carnaval fizeram eu me impor limitações antes mesmo de tentar. Quando compreendi que estava inconscientemente me mantendo à distância deles por puro preconceito, derrubar essa barreira ficou mais fácil.

É claro que eu ainda tenho minhas *reais* limitações, como a vergonha de dançar em público.

PERIGOSAS ACHERON

Mas estou me obrigando a não recuar, a curtir aquela festa e a companhia daqueles três garotos que até que não são tão ruins assim... E agora que consegui guardar Edu numa caixinha na minha cabeça e mantê-lo longe dos meus pensamentos, a tensão que me perseguiu nos últimos meses começou a afrouxar.

— Que nada! Tá pegando o jeito — elogia Victor do meu outro lado, dançando junto com a gente e mostrando que homem também pode rebolar bem.

E, olha, que rebolado! Às vezes é difícil não ficar babando naquela bunda maravilhosa que ele tem.

Quando meu olhar cruza com o de Victor novamente, ele arqueia a sobrancelha. Droga, será que ele me viu encarar a bunda dele? Ele não diz nada, e eu me faço de sonsa.

— Gente, gente. — Elio se aproxima de nós quatro, de mãos dadas com um cara alto e magro, com aparência de novinho. — Esse aqui é o Yago,

PERIGOSAS NACIONAIS

ele é prometer de uma festa que rola na cidade e convidou a gente pra entrar de graça, vocês tão a fim?

— Muito! — diz Natalie, empolgada.

Téo, que não pareceu muito interessado de primeira, abre um sorriso.

— Eu também!

Natalie olha para mim, cheia de expectativas, e eu me encolho de leve.

— Olhaaa — começo, com a voz arrastada. — Juro que tô tentando curtir e, na minha opinião, eu tô sendo bem-sucedida. — Eu junto a palma das mãos, como se estivesse orando. Na verdade, só estou implorando que Natalie não me bata nem me force a ir. — Mas eu tô mortinha, e amanhã a gente ainda tem o passeio de barco cedo, né?

— Ah, não, Júlia, vamos, sim, por favorzinho!
— esperneia Natalie, quase pulando de frustração.
— Eu prometo que a gente não demora.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não! Não quero estragar a festa de vocês, podem ir, sério. Não tem problema.

— Mas eu não vou deixar você voltar pra casa sozinha. — Ela faz biquinho, triste. Sabia que Natalie tentaria me convencer; dá para ver na cara dela o quanto quer ir e sei o quanto adora uma farra, ainda mais *de graça*, mas, ao mesmo tempo, é uma amiga boa demais para me deixar sozinha numa cidade estranha durante uma viagem para a qual ela mesma me arrastou.

Suspiro de frustração, sentindo meu corpo todo berrar por uma cama, mas antes que eu tenha tempo de concordar, Victor diz:

— Na verdade, também tô bem cansado e acho que vou pra casa. Posso fazer companhia pra Ju, não precisa se preocupar.

Ele apoia o braço ao redor do meu pescoço, e sinto uma vontade súbita de dizer que mudei de ideia e que vou para a festa também. Como serei capaz de ficar sozinha com esse homem sem que nada aconteça? Não que eu *não* queira que

PERIGOSAS ACHERON

aconteça alguma coisa, mas também estou apavorada. Faz muitos meses desde que transei pela última vez e foi péssimo. Era um colega de Natalie do trabalho, que conheci numa social à qual ela me forçou a ir quando eu ainda estava muito deprimida com o término e que não acrescentou em nada na minha vida. Antes disso, eu tinha passado sete anos com meu primeiro e único namorado. Não faço a menor ideia de como interagir com outro homem. A maior prova disso é a dificuldade que tive só para *beijar* alguém naquele Carnaval.

Mas não digo nada do que estou pensando e apenas sorrio.

— Viu? Não precisa se preocupar.

Natalie olha para nós dois, desconfiada. Dá para ver que ela quer insistir na nossa presença, mas sabe que não deve forçar demais as coisas comigo. Estou levando meu tempo para me sentir à vontade com tudo aquilo, e ela nem pode reclamar de qualquer relutância da minha parte.

— Tá, tá bom. — Natalie cruza os braços, então

se vira para Victor. — Olha lá, hein? Cuida bem da minha amiga.

— Do jeito que ele bebeu, acho que sou eu que vou ter que cuidar dele — brinco para amenizar o clima, apesar de Victor ter parado de beber há muito tempo.

— Ei, eu nem bebi tanto assim! — reclama ele, fazendo todo mundo cair na risada.

— Divirtam-se, gente — me despeço, e eles acenam antes de se virarem.

Elio segue agarrado com o boy, empolgadíssimo com a festa, e Téo abraça Natalie de lado e leva um empurrão da minha amiga. Mais cedo, conversei com ela sobre sua relação com Téo, mas Natalie apenas desconversou. Fiquei com a impressão de que ela tinha plena consciência dos sentimentos do amigo. Se isso é algo já resolvido entre os dois, aí é outra história.

Eu tiro o braço de Victor do meu ombro.

— Ai, você é pesado — reclamo, me virando

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para seguir para a casa.

Ele acelera o passo para se manter ao meu lado.

— Nossa, aquela gracinha toda agora há pouco era só fachada? Você não vai cuidar de mim?

— Tenho cara de mãe, por acaso? — Olho de esguelha para ele e semicerro os olhos. — E você tá muito sóbrio que eu sei.

— Eu preciso tá bêbado pra você cuidar de mim? Você só é bondosa quando a pessoa tá na merda? — Victor solta um muxoxo alto e balança a cabeça. — E eu pensando que você era uma garota de bom coração.

— Eu tenho um ótimo coração, só não sou trouxa.

Ele acelera o passo para me ultrapassar e começa a caminhar de costas, de frente para mim.

— Você sempre tem *mesmo* uma resposta na ponta da língua, né?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Realmente, não é fácil me deixar sem palavras. — Eu pressiono os lábios como se dissesse “fazer o quê?”, e dou de ombros.

Quando ergo o olhar, Victor está com a cabeça inclinada, me encarando com um sorrisinho.

— O que foi? — pergunto, rindo junto com ele mesmo sem saber o motivo de sua expressão.

Antes que possa responder, vejo um buraco às suas costas e, num impulso, agarro seu braço e o puxo para a frente. E então, tão rápido que nem percebo, Victor aproveita a repentina proximidade e cola sua boca na minha.

Paraliso por um instante, chocada com a ousadia, mas ele pousa a mão na minha lombar, me puxando para mais perto, e sinto meu corpo relaxar com seu toque. Ele afasta nossas bocas apenas o suficiente para falar, mantendo nossas testas encostadas.

— Como você adivinhou? — Os lábios dele roçam os meus com o movimento, fazendo cócegas.

PERIGOSAS ACHERON

Franzo o cenho, confusa. Minha mente está enevoadada com a proximidade do corpo dele.

— Adivinhei o quê?

— No que eu tava pensando.

Solto uma risadinha, surpresa, fazendo meus lábios se entreabrirem levemente, e essa é a permissão que Victor precisa para transformar nosso selinho em um beijo de verdade. A partir daquele momento, é como se minha mente apagasse completamente. Eu não tinha percebido até agora como sentia falta disso: do contato com um homem, de me sentir desejada. Mas eu não queria qualquer homem; essa é uma das maiores certezas da minha vida. Não preciso ter um relacionamento com a pessoa, é claro, mas nunca me senti muito bem beijando completos desconhecidos — exceto, talvez, por ontem. Mas aquela tinha sido uma exceção à regra. Uma empolgação de Carnaval. Prefiro ser desejada por quem eu sou, pelo pacote completo — não só pela minha aparência. Porque, quando me atraio por

alguém, prefiro que seja pelos mesmos motivos.

É por isso que eu era tão reticente com relação a Victor. Mesmo achando-o fisicamente atraente, eu não me encantava por nada mais além do seu rostinho bonito. À medida que fomos nos conhecendo nos últimos dias, a atração começou a crescer, se transformando em algo mais, ainda que eu estivesse vivendo uma dúvida constante sobre seu caráter. Até que, hoje de manhã, a barragem se rompeu.

Não havia mais nenhuma desculpa para que eu não aceitasse as investidas desse homem.

Victor encosta nossas bocas novamente, e sua língua pede passagem, devagar. A mão livre dele desliza pela minha nuca, se infiltrando entre meus fios rosa, ao mesmo tempo em que a mão na minha lombar pressiona ainda mais nossos corpos. Levo minhas mãos ao seu ombro, me colocando na ponta dos pés para ficar à sua altura. O movimento faz meu baixo-ventre roçar o dele, e sinto seu corpo reagir. Gemo baixinho contra sua boca, e Victor morde meu lábio inferior.

PERIGOSAS NACIONAIS

De repente, somos iluminados pela luz de faróis, e uma buzina me faz pular dois metros para trás.

— Arrumem um quarto! — berra o motorista, irritado, enquanto nos contorna e segue seu caminho, fazendo a rua voltar a ficar escura.

À meia-luz do poste mais próximo, Victor e eu nos encaramos, ofegantes, e caímos na risada.

PERIGOSAS ACHERON

8

Quatro paredes e nós dois

Victor fica muito sexy cozinhando.

Sei que deveria estar ajudando na preparação, mas a vontade de parar e só ficar observando aqueles braços musculosos ralando cenoura é mais forte do que eu. De vez em quando ele me olha de lado, para me repreender pela enrolação, e eu volto a ajudá-lo.

— Você sempre gostou de cozinhar? — pergunto, tentando mudar meu foco. Não sei exatamente o que estou sentindo, mas acho que é uma mistura de expectativa, tesão e um pouco de insegurança.

PERIGOSAS NACIONAIS

Chegamos em casa poucos minutos depois da repreensão do motorista, ainda meio risonhos, meio ofegantes. Mas o momento do beijo havia passado, e Victor me perguntou se eu estava com fome. Acho que ele estava tentando ser respeitoso e não forçar nenhuma barra, algo pelo qual eu era muito grata. Mas, nessa hora, também percebi que, sim, eu estava morrendo de fome. Fazia horas desde que comemos pela última vez, antes de ir para o segundo bloco do dia.

— Acho que sim — responde enquanto joga a cenoura ralada num pote. Ele olha para minha mão e percebe que eu não fiz nem metade do trabalho que deveria fazer com o repolho. Então puxa a tábua com o legume e tira a faca da minha mão. Abro um sorrisinho sem graça, mas deixo que ele assuma a missão. — Tive que aprender a cozinhar depois que a minha mãe morreu, mas acho que nunca odiei. Depois que percebi que gostava, não quis parar mais.

— Você tinha quantos anos?

— Quando minha mãe morreu?

PERIGOSAS ACHERON

Assinto com a cabeça.

— Acho que uns dez.

— Deve ter sido uma barra, né? Ainda mais com seu irmão pequeno.

— É, não foi fácil. Mas acho que morar no prédio em que meu pai trabalha amenizou um pouco a situação, porque a gente não ficava tão sozinho assim e muitos moradores do condomínio acabavam nos ajudando, levando comida e até cuidando da gente de vez em quando. — Ele fica em silêncio por um segundo, então me olha com um sorrisinho. — Sinto que estou em desvantagem aqui. A Natalie é muito mais fofoqueira com você.

Dou uma risada. Eu sei mesmo muita coisa sobre o Victor, mas talvez boa parte eu tenha descoberto stalkeando seu perfil no Instagram. É claro que não admito isso em voz alta.

Então, enquanto terminamos de preparar o coleslaw com frango desfiado, conto para ele um pouco sobre a minha vida. E, depois, quando nos sentamos na sala para comer, dividimos um pouco

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

mais sobre nós dois. Ele coloca uma de suas playlists para tocar enquanto digerimos a comida com um vinho barato que eles trouxeram do Rio, e fico surpresa com seu gosto musical. Nossa playlist tem muitas músicas em comum. Nosso gosto para filmes e séries, no entanto, divergem bastante.

Sinto um quentinho no peito enquanto discutimos os vencedores do último Oscar e discordamos sobre quase todos. Mesmo quando não concordamos, é fácil falar com Victor. É fácil implicar com ele e não há muito espaço para constrangimento. Mais uma vez, eu me pego envergonhada por tê-lo julgado tão mal.

Tenho a impressão de que seria fácil me apaixonar por esse garoto, mas descarto a ideia no mesmo instante porque não faço ideia de como vai ser nossa vida depois do Carnaval, depois dessa viagem. Não quero pensar nisso, nem criar expectativas frustradas, como fiz com Edu. Então, para fugir desses pensamentos, eu aproveito o silêncio e me aproximo dele. Victor percebe minha intenção e pousa a taça de vinho na mesa. Passo uma perna por cima das suas e sento no seu colo

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

antes de beijá-lo.

— Queria fazer isso desde que você me paquerou no bloco — diz ele sorrindo entre os beijos.

Eu me afasto, surpresa, e arqueio a sobrancelha.

— Quando que eu te paquerei no bloco?

Ele abre um sorriso de lado.

— Quando a gente tava treinando o seu flerte.

Acho muito engraçado ele dizendo *flerte*, mas estou indignada demais para mencionar isso.

— Ei! Eu não tava te paquerando nessa hora!

— Claro que tava. — Victor envolve minhas costas e me traz mais para perto dele. Sinto seu cheiro de cerveja, cigarro, suor e maresia, tudo misturado. — Sua performance com o Super-Homem não foi nem de perto tão boa quanto comigo.

PERIGOSAS ACHERON

Ele arqueia as sobrancelhas, e tento me manter séria.

— Convencido. — Mas é muito difícil não sorrir com aquela visão à minha frente.

No entanto, nossos sorrisos vão morrendo aos poucos, e ele me encara com uma intensidade que faz meu corpo todo se arrepiar. Victor pousa as mãos nas minhas pernas e se inclina na minha direção para morder meu lábio inferior. Ele continua descendo pelo queixo e pelo maxilar, dando mordidinhas por todo o caminho, até chegar ao lóbulo da minha orelha. Minha reação é involuntária. Pressiono a pélvis contra sua ereção, sentindo seu pênis pulsar e endurecer mais um pouco. Lembro o nosso primeiro dia em Cabo Frio, quando Victor apareceu pelado na minha frente, e quase gemo de expectativa. Ele começa a me beijar com mais vigor, intercalando mordidas e beijos por toda a trilha do pescoço até o ombro, então voltando até o lóbulo.

Arqueio para trás enquanto agarro sua camisa, e seus lábios passeiam pelo pescoço em direção ao

meu colo. Sua mão envolve meu seio, e a outra desliza por baixo do vestido, passeando pela minha coxa e brincando com o laço da calcinha do biquíni. Levo minha própria mão ao volume em sua bermuda e massajeio a ereção enquanto ele distribui beijos pelo meu colo. Victor geme baixinho contra a minha pele, e aquele som faz uma onda quente de prazer se espalhar por todo o meu corpo.

A mão por baixo do vestido afasta minha calcinha para o lado e começa a acariciar toda a minha intimidade. Quando alcança minha abertura molhada de prazer, ele me penetra com dois dedos, devagar, lentamente, me fazendo engolir em seco. Ele mesmo fecha os olhos para apreciar a sensação enquanto leva o polegar ao meu clitóris e começa a massagear a região. Deixo escapar um gemido alto; aperto minha mão em volta do seu pau e, com a outra, me seguro em seu ombro, erguendo o quadril sem nem pensar.

— Tá gostoso assim, tá? — pergunta com a voz rouca de desejo, o polegar em movimentos circulares provocando contrações involuntárias nos

meus músculos internos.

Solto um murmúrio de concordância, incapaz de falar.

Com os dedos num vai e vem incessante, ele me beija com voracidade, segurando meus cabelos com a mão que antes envolvia meu seio. Sinto um choque de desejo perpassar meu corpo e, então, de repente, ele tira a mão da minha intimidade, e deixo escapar um gemido de protesto. Mas Victor não interrompe o beijo para permitir que eu reclame. Ele me segura pelo quadril e começa a se levantar. Envolvero sua cintura com as minhas pernas, para me impedir de cair, mas não vamos muito longe.

Ele me deita no sofá com delicadeza e afasta a boca da minha. Suas mãos seguem até meus tornozelos e vão subindo devagar enquanto ele deixa uma trilha de beijos em cada ponto, da minha canela até o joelho, então da coxa à virilha. Minha visão já está embaçada de tanto tesão. Quando chega à minha pélvis, ele desamarra os laços laterais do biquíni com as duas mãos e puxa a peça para me deixar nua. Então, sem nenhum aviso, sua

língua me invade, me fazendo curvar de prazer. Ele volta a introduzir os dois dedos e começa a chupar meu ponto mais sensível. *Putá merda*. Como posso ter resistido tanto a esse homem?

Minha mão agarra seus dreads enquanto ele lambe minha pele. Meu clitóris lateja, inchado, e Victor chupa o ponto de um jeito que eu nunca poderia imaginar. Fecho os olhos, apertando o estofado do sofá com a mão livre, e mordo o lábio ao sentir o clímax começando a me dominar. Meus gemidos ficam mais altos, e Victor acelera os movimentos dos dedos até eu gritar de prazer e desfalecer sob ele.

Engulo em seco, ofegante, e ele começa a subir, deixando beijos na minha pele e fazendo meu vestido erguer, pouco a pouco. Quando alcança meus seios, ele afasta a cortininha do biquíni de um dos lados e abocanha meu mamilo. Com a outra mão, massageia o outro seio por baixo do tecido. Sinto sua ereção totalmente rígida roçar meu ventre e uma onda de desejo me domina; eu o afasto de mim e faço com que se deite em meu lugar, enquanto passo uma das pernas por cima dele,

sentando em cima do seu pau ainda coberto. Tiro meu vestido pela cabeça e o deixo cair ao chão para depois desamarrar o sutiã e dar a ele o mesmo destino.

Victor estende a mão para os meus seios agora expostos.

— Você é tão gostosa — elogia com a voz rouca, e um nó se aperta em meu ventre.

Só permito que aproveite a visão por alguns segundos, antes de segurar seus punhos e prendê-los no sofá. Deposito um beijo tão de leve em sua boca que é quase uma carícia, então deslizo a mão pelos seus braços, descendo em direção ao tórax e à barra da camisa.

— Agora é minha vez — alerta antes de puxar a peça de roupa para cima. Ele me ajuda a tirar a camisa e volta a se deitar, me analisando com olhos carregados de volúpia.

O corpo de Victor é incrível. Ele não é muito forte, mas tem os músculos definidos e tatuagens cobrindo boa parte da pele negra do seu tórax e

PERIGOSAS ACHERON

braços. Traço o contorno dos desenhos com o dedo até chegar aos seus mamilos e me inclinar sobre eles. Passo a língua na região, devagar, e as mãos de Victor instantaneamente voam para a minha cintura, me apertando como se quisesse extravasar o prazer. Eu paro, provocando, e sigo lentamente até o outro mamilo, repetindo o gesto. Ele geme baixinho e aperta minha cintura novamente. Sinto seu pau pulsar sob mim e começo a lambar todo o caminho até sua pélvis, passando pela trilha de pelos que começa no umbigo. Minhas mãos logo alcançam a barra da bermuda.

Começo a tirar a peça junto com a sunga box que ele usa, e sua ereção se ergue em direção ao abdome enquanto afasto suas roupas, deixando-o nu à minha frente. Seus olhos acompanham meus movimentos, em expectativa. Acaricio suas pernas, os pelos baixos pinicando minhas palmas, até chegar à virilha. Seguro seu saco com uma das mãos enquanto a outra envolve aquele pau quente e firme, as veias saltadas envolvendo-o até o topo. Victor geme só com o toque.

Abaixo a cabeça e passo a língua, com muita

calma e bem de leve, pela cabeça do pênis dele. Victor ergue o quadril e dá uma risadinha.

— Você tá me provocando...

Eu rio com a boca perto da sua ereção, meu hálito batendo contra a pele rígida de prazer.

— Talvez eu esteja...

Então pressiono os lábios em seu pênis, colocando-o devagar para dentro da boca, a língua acariciando a pele ao redor da cabeça.

Eu o ouço soltar murmúrios de prazer, mas me ocupo em começar um vai e vem lento, uma das mãos segurando firme a base do seu pau. Tiro-o da minha boca e passo a língua em toda a extensão, desde o saco até a cabecinha, antes de abocanhá-lo de novo e repetir os movimentos.

Victor está se contorcendo de tesão e sinto uma satisfação em vê-lo tão entregue a mim daquele jeito. É uma sensação poderosa a de saber que você pode fazer uma pessoa se render a você. Ele fecha os olhos, gemidos baixinhos saindo da sua boca.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tiro a boca do seu pau de novo e encosto os lábios em sua orelha.

— Camisinha — peço, e o vejo abrir os olhos e engolir em seco.

— Na minha carteira, na bermuda.

Eu pego a peça e procuro a camisinha na carteira, então tiro o envelope e enrolo a ponta do preservativo antes de deslizá-lo por toda a extensão do seu pênis. Em seguida, me ergo por cima dele, posiciono seu pau na minha entrada e desço até minha bunda encostar em suas coxas.

— Puta merda — geme Victor enquanto começo a me agachar e subir em seu pau, deixando-o me preencher por completo e tirar quase tudo. Ele segura minha cintura tentando controlar meu movimento, mas seguro seus punhos novamente e o impeço de tomar as rédeas.

— Enquanto eu estiver por cima, sou eu que mando — provoco, baixinho, me inclinando para voltar a lambar seus mamilos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Victor geme alto, tomado pelo prazer. Mas, então, sem aviso, ele sai de dentro de mim e me gira no sofá, me fazendo deitar de costas.

Ele segura meus cabelos, afastando-os do rosto, e inclina o corpo quase todo sobre o meu.

— Não seja por isso — sussurra no meu ouvido, então me penetra de novo, me segurando pela barriga. Ele me faz erguer o tronco e ficamos de joelhos no sofá, os corpos grudados, enquanto Victor dá fortes estocadas.

A posição me provoca tanto prazer que não tenho coragem de contestar. Deixo Victor me dominar, segurando meus cabelos, beijando meu pescoço, meu ombro, chupando meu lóbulo até minha visão ficar ainda mais turva de prazer. Os gemidos dele soam mais altos no meu ouvido e sinto que Victor está atingindo seu clímax. Ele envolve meus seios com um dos braços e, com a outra mão, procura meu clitóris e recomeça a massageá-lo. As estocadas ficam mais e mais fortes até ele soltar um som gutural e seu pau se contrair várias vezes dentro de mim. Mas ele não para até

PERIGOSAS ACHERON

eu mesma gritar de prazer e meu corpo ficar mole sob o dele.

Ofegantes, nós dois caímos no sofá, sem forças.

Ele beija minhas costas com carinho.

— Você vai ter que arcar com as consequências dos possíveis efeitos dessa noite, Jujuba.

Eu abro um meio sorriso.

— Ah é? E quais são os possíveis efeitos?

— Vício — responde, arfante. — Dependência. — Ele traça meus contornos com os dedos. — Paixão.

— Eu não posso ser responsabilizada por algo que você consentiu em um momento de total consciência. — Sinto ele abrir a boca, fazendo menção de retrucar, mas não o deixo me interromper. — Mas é possível que eu também precise de tratamento intenso.

Ele ri contra a minha pele e meu coração pula

no peito. Nesse momento, eu tenho certeza: não tem *mesmo* mais volta. Já estou totalmente entregue a Victor. Mas, mesmo que ele não queira mais nada depois que essa viagem dos sonhos acabar, sei que não vou me arrepender. Mais do que me entregar a ele, eu me abri para a vida durante essa viagem.

E boa parte disso eu devo a Victor. Disso, eu nunca vou esquecer.

9

Minha estranha loucura

Todo mundo sabe que alguma coisa aconteceu entre mim e Victor.

Ontem, ainda estávamos deitados no sofá quando ouvimos o portão se abrir e os três entrarem rindo, bêbados, no terreno da casa. Victor e eu quase derrubamos as taças de vinho, sobressaltados, antes de catar nossas roupas e sair correndo para o quarto.

Mesmo embriagados, é claro que Natalie, Téo e Elio perceberam algo estranho. E, hoje, enquanto nos arrumávamos para um passeio de barco em Arraial do Cabo, Victor escancarou a porta

PERIGOSAS NACIONAIS

entreaberta do banheiro em que eu estava.

— E aí, Jujuba, já tá pronta? — Ele apoiou uma das mãos no batente enquanto a outra ainda segurava a maçaneta.

— Quase. Falta só o protetor — eu disse enquanto abria o creme e começava a passá-lo rosto.

Ele ficou me observando por alguns segundos até eu decidir quebrar o silêncio.

— Já que você vai ficar aí parado, passa protetor nas minhas costas? — pedi, estendendo a embalagem em sua direção.

— Com prazer. — Ele abriu um sorrisinho malicioso e entrou no banheiro, fechando a porta atrás de si, não sem antes olhar por cima do ombro.

Levei o triplo do tempo normal para passar o protetor com Victor me distraindo, o corpo próximo demais do meu enquanto distribuía beijos e mordidas pelo meu pescoço.

PERIGOSAS ACHERON

— Bora, Júlia! A gente vai se atrasar. — Ouvi Natalie gritar, batendo na porta do banheiro com força. Então a voz dela começou a se afastar. — Cadê o Victor também, hein? Depois reclamam que eu que sou atrasada.

Victor e eu nos entreolhamos, rindo.

— Tá protegida — avisou ele, esfregando as mãos escorregadias nas minhas costas uma última vez antes de abrir a porta do banheiro e sair.

Comecei a juntar meus pertences, mas, antes que tivesse tempo de sair do banheiro, Natalie apareceu na entrada.

— Tô de olho em você, hein — alertou, enigmática. — *Vambora*.

Com um sorrisinho de lado, guardei minha nécessaire no armário, joguei o protetor na bolsa e a segui.

Agora, enquanto esperamos o passeio começar, os três não param de olhar para mim e para Victor. Estamos lado a lado, apoiados na mureta de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

madeira do barco, sem interagir. Não é que estejamos nos escondendo deles, mas é divertido ver suas expressões desconfiadas e fingir que a tensão entre nós não é tão palpável que todo mundo consegue perceber. Faz tempo que não me sinto tão leve e sem preocupações, e sei que, mesmo que tivéssemos a intenção de ser discretos, Natalie perceberia a verdade no meu rosto. Em breve, algum deles vai perguntar ou um de nós dois vai tomar uma atitude na frente dos outros sem perceber, e aí todos ficarão sabendo e farão um grande alarde sobre aquilo. Por isso, ficamos em silêncio enquanto podemos aproveitar aquele joguinho e nos comunicamos através de olhares intensos e cheios de significado à medida que o barco avança pelo mar.

A caminho da nossa primeira parada, passamos pela Gruta Azul, uma formação rochosa que, segundo o guia, só pode ser vista em tons de azul em épocas muito específicas do ano, durante o nascer do sol. Há também uma fenda onde é possível ver a imagem de Nossa Senhora. Não sou uma pessoa muito religiosa, mas o cenário é tão bonito e tão surreal e estou me sentindo tão feliz

PERIGOSAS ACHERON

que faço o sinal da cruz, em respeito àquela paisagem e ao momento.

O barco aporta a uma distância considerável da praia do Farol, nossa primeira parada, e precisamos seguir de bote até lá, mas, quando chega a minha vez de descer, eu olho para a água, meio receosa. Natalie está lá embaixo, me chamando com um aceno de mão, tentando me encorajar com um sorriso; ela sabe que morro de medo do mar. Claro que eu tinha noção de que teria que passar por isso num passeio de *barco*, mas era muito mais fácil se convencer de que tudo vai dar certo quando você não está realmente no momento crítico do pânico.

— Não olha para baixo. — Ouço a voz de Victor dizer ao meu lado. Viro a cabeça rápido, me assustando com sua presença tão próxima. Seu hálito batendo contra o meu pescoço faz a região do meu baixo-ventre reagir, como se estivesse despertando. — Foca na praia. — Ele estende a mão para mim, me ajudando a descer e dá uma piscadinha antes de se virar para fazer o mesmo caminho.

PERIGOSAS NACIONAIS

Percebo Natalie me observando com os olhos semicerrados e sei que ela não vai me deixar continuar fingindo que nada está acontecendo.

Não estou errada.

Assim que os meninos vão para o mar, ela se senta ao meu lado e me segura pelo braço.

— Como assim, você e o Victor?!

Dou de ombros, sem responder.

— Isso sim é que casal improvável...

Arqueio a sobrancelha.

— Vai dizer que ele é muita areia pro meu caminhãozinho?

— Ai, miga, claro que não. Vocês dois são as melhores pessoas que eu conheço. Mas não conta pro Téo e pro Elio, não. — Ela bagunça meu cabelo. — Só achei que o Victor não fazia muito seu tipo e que você tinha uma leve implicância com ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nat, o Victor faz o tipo de todos. — Dou uma risadinha sacana, e Natalie abre a boca, fingindo-se de chocada. — Mas, confesso, eu realmente tinha uma *enorme* implicância com ele e a culpa é toda sua.

— Minha?! — Ela leva a mão ao peito, ultrajada.

— Sua, sim. Ficava me dando informação incompleta, você nem imagina o quadro que eu pintei do Victor. Achei que ele era um babaca completo.

Natalie gargalhou, jogando a cabeça para trás.

— Como assim, Ju? Eu sempre te disse que o Victor era uma pessoa incrível! Você acha por acaso que eu ia ser amiga de um idiota?

— Sei lá. — Dou de ombros, e ela me empurra de leve. — Mas toda vez que você me contava histórias dele era de alguma briga que arrumou ou de algum rolo com garotas. Você me fez imaginar ele como um playboyzinho pegador.

PERIGOSAS ACHERON

— Meu Deus, tadinho do Victor! — Ela estalou a língua em desaprovação e balançou a cabeça, mas então abriu um sorriso sacana. — Mas ele soube bem como te fazer mudar de ideia, né? Tá até com sorrisinho bobo no rosto. — Natalie cutucou minha bochecha, e eu dei um tapa em sua mão, ruborizando.

Ela me pede detalhes, muitos dos quais eu me recuso a contar, e ficamos conversando por um tempo até o assunto morrer.

— Agora que já te contei meu segredo... — comecei, olhando-a de esguelha. — O que aconteceu com você e o Téo, hein? Tá um climão quando vocês dois tão perto.

Desde que voltaram da festa, os dois mal se falavam.

— Ahh. — Natalie suspira. — É que ontem ele resolveu dar um piti de ciúmes na festa e se declarar. Tava completamente bêbado, né?

— Mas, Nat, dá pra ver na cara dele que ele sente alguma coisa por você.

— Eu sei que sente. Mas ele podia ter escolhido um outro momento pra conversar comigo, né? Quando estivesse sóbrio, de preferência. — Ela bufa e passa a mãos nos cabelos rentes, alisando-os para a frente e para trás.

— Mas você *quer* ter algo mais sério com ele?

Natalie pressiona os lábios e balança a cabeça.

— A gente tentou uma vez. Eu adoro o Téo, a gente se dá muito bem na cama e como amigos, mas...

Eu ergo a mão, interrompendo-a.

— Você não precisa dar desculpas pra não querer ficar com ele, amiga. Se você não quer, é isso e pronto. Ele não tem direito nenhum de te cobrar qualquer coisa, ainda mais se ele sabe como você se sente.

— É, eu sei. Mas é difícil, né? Enfim, fazer o quê? — Ela dá de ombros e suspira de novo. Por fim, se levanta e para de frente para mim. — Tem PERIGOSAS ACHERON

certeza de que não quer entrar no mar? Eu seguro a sua mão.

— Tenho, sim, vai lá.

Aceno a mão, dispensando Natalie, e fico aproveitando a brisa e o barulho do mar até nosso tempo acabar e sermos chamados para voltar ao barco.

Quando chegamos às Prainhas do Pontal do Atalaia, sinto a areia macia e branquinha sob meus pés. Só há mato à nossa volta, e o mar é tranquilo, quase sem onda. Assim que todos desembarcamos do bote, o guia nos convida a conhecer a Gruta do Amor antes de curtir a praia.

Nós o acompanhamos até o fim da praia e, quando começo a me perguntar para onde podia ser o caminho, já que não há mais para onde seguir, o guia começa a contornar as rochas que delimitam a faixa de areia, caminhando em direção à água.

Eu travo no lugar onde estou.

Sabendo do meu medo, Victor e Natalie olham

PERIGOSAS ACHERON

para mim.

— Você não precisa ir se não quiser — diz ele, baixinho, enquanto se aproxima de mim.

— Vamos, Ju. Você acha que o guia ia levar a gente pra um lugar perigoso sem, pelo menos, avisar? — Ela vem até mim, parando do meu lado, e estende a mão. — A gente vai estar do seu lado o tempo todo.

Engulo em seco e olho para sua mão, então para Victor, que também estende a dele. Com o coração batendo acelerado, seguro a mão dos dois e começamos a caminhar atrás do guia.

Olho para o chão quando a água gelada toca meus pés, mas o mar é cristalino demais, me permitindo ver através dele, muito diferente das praias do Rio. Está tudo calmo, sem ondas, enquanto contornamos as pedras e logo alcançamos o grupo do passeio. O guia está entrando numa caverna mais à frente, um buraco em meio às rochas à nossa direita.

Quando uma pequena onda faz o nível do mar
PERIGOSAS ACHERON

aumentar do meu tornozelo para o meio da canela, eu aperto as mãos de Victor e Natalie. Victor solta a minha mão e, antes que eu consiga compreender o que está fazendo, ele se agacha à minha frente.

— Sobe aqui — pede, de costas para mim.

Abro a boca para protestar, mas ele me segura pelo tornozelo, e eu me agarro aos seus ombros para não cair. Em seguida ele se levanta, e eu mordo o lábio, contendo um sorrisinho, enquanto ele nos leva até o grupo, onde o guia está contando sobre o lugar.

— ... várias lendas diferentes. Alguns dizem que o casal que se beija aqui dentro nunca mais se separa. Outros dizem que basta o casal entrar junto que sairão apaixonados para sempre.

Eu me inclino em direção ao ouvido de Victor.

— Ih, tá ferrado, parceiro, melhor fugir logo — brinco baixinho, fazendo-o rir.

— Tem ainda a versão do “entram dois, saem três” — continua o guia, dando uma risadinha

PERIGOSAS ACHERON

enquanto alguns casais se entreolham.

Eu arregalo os olhos.

— Corre, Victor, corre! — sussurro, pressionando sua cintura com minhas pernas, como se o estivesse cavalgando.

Ele deixa escapar uma risada alta, e o guia olha para nós dois com um sorriso antes de começar a se afastar para fora da gruta, apontando para a ilha do outro lado do mar que se estende à nossa frente.

Victor não se move, exceto para soltar minhas pernas. Olho para o chão e vejo que a água não entra na gruta, então me permito cair de pé. Ele se vira para mim, levando a mão à minha cintura para me puxar para si e me beijar.

O beijo de Victor é calmo, mas intenso, como se quisesse saborear a minha boca. Sinto meu corpo relaxar, esquecendo o medo, enquanto deslizo minhas mãos por sua cintura, em direção às costas, seus músculos retesados sob minha palma. Ele me pressiona contra seu peito e sinto o volume em sua sunga levemente rígido.

PERIGOSAS NACIONAIS

Ele mesmo parece perceber que em breve pode acabar numa situação constrangedora, porque se afasta, ofegante, com uma risadinha. Encostando sua testa na minha, tenta recuperar o fôlego.

— Você não tem medo das lendas, não? — pergunto, dando um selinho nele.

— Acho que não me incomodaria em arriscar.
— Ele dá um sorriso de lado e abre os olhos, me encarando como se pudesse enxergar minha alma.

Victor estende a mão para mim, e eu respiro fundo antes de aceitá-la e seguirmos de volta à praia, onde nos divertimos com os outros e acabamos tendo que ouvir suas alfinetadas.

Quando chega a hora de voltar, eu me posiciono novamente na beirada do barco e fico admirando a paisagem conforme nos afastamos. Não é à toa que chamam esse lugar de Caribe brasileira: as praias de Arraial do Cabo são mesmo paradisíacas. Sinto meu coração palpitar de felicidade e me surpreendo ao perceber como aquela viagem foi diferente do que eu imaginava.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Desde antes do meu término com Edu, eu costumava sempre me sentir um pouco frustrada e solitária. Havia tantas coisas que eu queria fazer, lugares que eu queria conhecer, planos que eu queria traçar, mas fui adiando tudo isso, esperando que Edu quisesse sonhar junto comigo. Esses sentimentos não passaram quando terminamos. Eu estava arrasada por ter perdido tantos anos com alguém que, depois eu percebi, nunca teve certeza de que queria estar comigo. Eu sabia que tínhamos tomado a melhor decisão para nós dois, mas isso não tornava nada mais fácil.

E, então, quando Edu começou a namorar, eu me senti um lixo. A pior mulher do mundo. A mosca do cocô do cavalo do bandido. E esses sentimentos me perseguiram por um bom tempo depois disso.

Ironicamente, precisei conhecer alguém que provocasse tantos sentimentos novos e intensos para finalmente perceber que eu não precisava ter medo de ficar sozinha, muito menos achar que não era capaz de encontrar um novo alguém com quem

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

pudesse ser feliz. Não que Victor fosse essa pessoa. Talvez ele fosse. Talvez a gente nem se falasse mais depois do Carnaval. Mas ele tinha me ajudado a entender que a vida é agora. Que fazer umas loucuras de vez em quando e se permitir estar aberto para o novo, sem preconceitos e julgamentos, é tudo que basta para que o universo nos traga o que merecemos de melhor.

Talvez eu tivesse sido pega pelo vírus do Carnaval, mas a verdade é que eu não me importava nem um pouco. Porque se a sua doença era a felicidade, eu não queria melhorar nunca mais.

PERIGOSAS ACHERON



© Ingrid Benicio

Clara Alves é carioca, libriana com orgulho e estudante de jornalismo na Uerj. Escreveu seu primeiro livro aos 8 anos, mas foi só aos 14 — quando conheceu o mundo mágico dos fóruns de escrita do Orkut — que passou a levar o sonho mais a sério. Para ela, ser escritora vai além de uma simples profissão: é uma missão de vida. Venceu o prêmio Wattys 2016 na categoria Novas Vozes com *Como reconquistar um amor perdido*. Também é autora de *Além da amizade* e *Romance real*.

Onde encontrá-la:

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[Facebook](#) | [Instagram](#) | [Twitter](#) | [Wattpad](#)

PERIGOSAS ACHERON

Referências musicais

Capítulo 1 É Preciso Saber Viver – Titãs

Capítulo 2 Assobiar Ou Chupar Cana – Benito Di Paula

Capítulo 3 Do Jeito Que a Vida Quer – Benito Di Paula

Capítulo 4 Já Sei Namorar – Tribalistas

Capítulo 5 Um Dia de Domingo – Tim Maia

Capítulo 6 Provocar – Lexa ft. Gloria Groove

Capítulo 7 Você Me Vira a Cabeça (Me Tira do Sério) – Alcione

Capítulo 8 Xiii – Grupo Revelação

Capítulo 9 Minha Estranha Loucura! – Alcione